



pré-história gestos intemporais

À primeira vista, o Baixo Côa distingue-se sobretudo pelo carácter *sui generis* e quase único dos seus sítios pré-históricos. Contudo, uma análise historiográfica mais penetrante, revela-nos também que, para além dos “lugares” arqueológicos de especial relevância patrimonial, este território caracteriza-se de igual modo pela original abordagem e interpretação de alguns desses sítios por parte dos investigadores que aqui trabalham, e pelo impacto que as suas interpretações tiveram e têm nos discursos em torno da Pré-história peninsular e mesmo europeia.

01

pré-história gestos intemporais

**III congresso
de arqueologia**
trás-os-montes,
alto douro
e beira interior

actas das sessões

entidades organizadoras do congresso:



Centro Nacional de Arte Rupestre



Parque
Arqueológico
Vale do Côa

entidades financiadoras da edição:



COMISSÃO DE
COORDENAÇÃO DA
REGIÃO CENTRO



PROGRAMA
OPERACIONAL
DA REGIÃO CENTRO



Governo da
República Portuguesa



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional



01

pré-história
gestos intemporais

**III congresso
de arqueologia**
trás-os-montes,
alto douro
e beira interior

actas das sessões

índice

- 04 **prefácio**
Emílio António Pessoa Mesquita
- 05 **introdução**
André Tomás Santos, Jorge Sampaio e João Muralha
- 07 acta 1
Fariseu - Cronologia e interpretação funcional do sítio
Thierry Aubry e Jorge Sampaio
- 31 acta 2
Fauna mamalógica do sítio do Fariseu
Sónia Marques Gabriel
- 38 acta 3
Estruturação simbólica da arte Gravetto-Solutrense em torno do monte do Fariseu (Vale do Côa)
António Martinho Baptista, André Tomás Santos e Dalila Correia
- 62 acta 4
Prospecção da Arte Rupestre na Foz do Côa. Da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IIª Idade do Ferro.
António Martinho Baptista e Mário Reis
- 96 acta 5
Indicadores paleoambientais e estratégias de subsistência no sítio pré-histórico do Prazo (Freixo de Numão – Vila Nova de Foz Côa – Norte de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues, Isabel Figueiral e José António López Sáez
- 120 acta 6
Uma história de dois vizinhos ao longo de 17 anos: Castelo Velho e Castanheiro do Vento (1989 – 2006)
Lídia Baptista, Sérgio Gomes, Susana Oliveira Jorge, Vítor Oliveira Jorge, João Muralha, Lurdes Oliveira, Leonor Sousa Pereira, Ana Margarida Vale, Gonçalo Coelho e Alexandra Vieira
- 136 acta 7
A Quinta das Rosas (Fornos de Algores): expressão de matrizes prévias do povoamento da Pré-História Recente durante o Bronze Final
António Carlos Valera
- 151 acta 8
Novos contributos para o estudo da arte rupestre na bacia do Baixo Paiva
Sofia Figueiredo e Manuel Valério Soares de Figueiredo

ficha técnica

Editor

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

Título

Actas do III.º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior

Coordenação do Congresso

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António Sá Coixão

Coordenação Editorial das Actas

Alexandra Cerveira Lima, André Tomás Santos, António Martinho Baptista, António Sá Coixão, Luís Luís

Coordenação Científica da Sessão

André Tomás Santos, João Muralha, Jorge Sampaio

Coordenação da Publicação

André Tomás Santos, Jorge Sampaio

Autores

Alexandra Vieira, Ana Margarida Vale, André Tomás Santos, António Carlos Valera, António Martinho Baptista, Dalila Correia, Emilio António Pessoa Mesquita, Gonçalo Coelho, Isabel Figueiral, João Muralha, Jorge Davide Sampaio, José António López Sáez, Leonor Sousa Pereira, Lúcia Baptista, Lurdes Oliveira, Manuel Valério Soares de Figueiredo, Mário Reis, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Sofia Figueiredo, Sónia Marques Gabriel, Susana Oliveira Jorge, Vítor Oliveira Jorge, Thierry Aubry

Gestão Editorial

Setepés.Arte

Revisão de Textos

André Tomás Santos

Design

Gina Ferreira

Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

???

1ª Edição, 2008. Porto

ISBN: 978-972-99799-3-4

Depósito Legal**Tiragem**

1000 Exemplares

acta 4

Prospecção da Arte Rupestre na Foz do Côa. Da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela II^a Idade do Ferro.

António Martinho Baptista

Mário Reis (Parque Arqueológico do Vale do Côa)

Resumo

Nos inícios de 2005 o Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART) começou a prospecção sistemática da zona envolvente à Foz do Côa. Para além do seu óbvio interesse arqueológico, sabe-se que esta zona albergará o futuro Museu de Arte de Arqueologia do Vale do Côa e deveria, portanto, ser exaustivamente prospectada. Os resultados deste trabalho, que ainda prossegue, serão agora apresentados pela primeira vez, confirmando as principais ideias que desde há anos vimos defendendo relativamente à dispersão espacial e ordenamento cronológico da arte rupestre do Baixo Côa. Embora não se tenham ainda realizado os trabalhos de levantamento da arte rupestre entretanto detectada, pode afirmar-se desde já que a Foz do Côa constituiu-se como a maior aglomeração de rochas historiadas de todo o Baixo Côa, distribuídas fundamentalmente pelo período final do Paleolítico superior (fase Magdalenense) e pela Idade do Ferro.

palavras-chave: Prospecção; Arte rupestre; Paleolítico; Idade do Ferro

Introdução

A prospecção sistemática do núcleo de arte rupestre da Foz do Côa decorreu entre Janeiro e Setembro de 2005. O objectivo deste trabalho foi, uma vez definido geográfica e geomorfologicamente o que é o núcleo da Foz do Côa e quais os seus limites precisos, identificar e registar a totalidade das rochas com manifestações rupestres dentro da sua área. Nos últimos 10 anos tem sido levado a cabo pelas equipas do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) e do CNART um intenso trabalho de pesquisa arqueológica na área do Parque, e no início deste tarefa conheciam-se mais de três centenas de rochas historiadas de diversas cronologias, distribuídas por uma trintena de núcleos distintos, incluindo também o núcleo da Foz do Côa.

Este foi agora o primeiro escolhido para se fazer uma prospecção sistemática da arte rupestre em toda a sua área. Haveria boas razões científicas para esta escolha, quer pela boa qualidade de alguns dos painéis historiados que já aqui eram conhecidos, mas sobretudo pelo facto de se presumir que a foz do rio Côa seria um local fulcral na distribuição das rochas com gravuras nesta região, tanto paleolíticas como da Idade do Ferro, pela existência aqui de uma das mais amplas e visíveis concentrações de afloramentos com superfícies propícias à gravação, mas também porque a dispersão dos ciclos rupestres parece organizar-se e distribuir-se em função dos dois grandes rios da região, o Côa e o Douro, pelo que se intuiria que o ponto de junção dos dois poderia ser um local especial para os artistas de ambos os períodos. Para além de todos estes motivos, o facto do futuro Museu do Côa ir ser instalado na parte superior do sítio, tornava imprescindível conhecermos com todo o rigor a sua envolvente arqueológica, particularmente no respeitante à arte rupestre.

O núcleo da Foz do Côa

A expressão “Foz do Côa” designa, naturalmente, a zona onde este rio lança as suas águas no Douro, aplicando-se a ambas as margens do Côa e encostas adjacentes voltadas ao Douro, sem limites muito definidos. Para este núcleo adoptou-se esta designação, apesar da área ser mais restrita e se limitar à margem esquerda da embocadura do rio, até pela ausência de outros topónimos bem representativos de toda a área em causa.

A definição dos limites de um núcleo de gravuras é arbitrária, mas pode e deve tentar adoptar critérios lógicos e coerentes, adaptados à geomorfologia do local, facilitando a inventariação das rochas e o seu estudo. No essencial, e com poucas excepções, os diferentes núcleos de

gravuras aqui conhecidos dividem-se em dois tipos diferentes, sendo o primeiro os vales das linhas de água subsidiárias do Côa ou do Douro, e o segundo as encostas directamente voltadas ao Côa ou ao Douro. A Foz do Côa pertence ao segundo tipo, sendo a encosta sobre o Côa no seu troço final, e unicamente na margem esquerda (em frente, a margem direita do Côa considera-se um outro núcleo de gravuras, a Quinta das Tulhas), estando delimitado entre o Douro a jusante e o núcleo da ribeira do Vale do Forno a montante. Ou seja, definimos simplesmente o núcleo de arte rupestre da Foz do Côa como sendo a encosta na margem esquerda e de águas vertentes para o Côa, desde a foz até ao Vale do Forno, estendendo-se ao longo do Côa entre as duas pontes aqui existentes, a ferroviária sobre a própria foz e a ponte rodoviária a montante, numa extensão aproximada de 850 metros. A encosta tem uma variação de cotas entre os 361 metros e os 125 metros da actual linha de água (cerca de 20/25 metros superior à cota original antes da construção da barragem do Pocinho) tendo uma largura máxima de c. de 750 metros, que se reduz para 300 metros na zona intermédia, mais rochosa e arqueologicamente importante.

1. Características dos afloramentos da Foz do Côa

Os xistos ocupam grande parte da área de distribuição da Arte do Côa, integrando o grande complexo xisto-grauváquico das Beiras e Douro Português, e dividindo-se em diversos sub-tipos, que na área do PAVC são em número de três: a Formação de Rio Pinhão, a Formação do Pinhão (não confundir com a anterior), e a Formação da Desejosa (cf. Carta Geológica de Portugal, Folha 15-A - Vila Nova de Foz Côa). Esta última é a maior e mais importante, ocupa a maior parte da área do PAVC e abrange grande parte dos núcleos da Arte do Côa, incluindo a Foz do Côa.

Os afloramentos encontram-se em quase toda a encosta, com uma distribuição bastante irregular mas em que se distinguem genericamente duas tendências: o seu tamanho e a densidade no terreno tendem a aumentar de cima para baixo e de montante para jusante. A conjugação destes factores pareceria indicar que a maior concentração de afloramentos se encontraria precisamente na embocadura, mas esta é, na parte que se mantém visível, relativamente desprovida de rochas afloradas, e a zona de maior concentração rochosa na Foz do Côa é uma vasta mancha na zona central inferior da encosta, que se inicia a cerca de 100 metros da embocadura, com aproximadamente 500 metros de extensão e 200 metros de altura, com uma densa e quase contínua distribuição de superfícies rochosas.

De uma forma geral os afloramentos têm uma face vertical mais lisa voltada para Sudeste, afrontando o Côa, ou seja, a face principal dos afloramentos dispõe-se segundo as curvas de nível, paralelamente à orientação do Côa naquele ponto particular da encosta. As rochas podem assumir disposições caóticas umas em relação às outras, mas frequentemente distribuem-se em compridas bancadas, mais ou menos ordenadas e sucessivas, que por sua vez podem ser paralelas ou ligeiramente oblíquas em relação ao Côa. Quase todas as faces principais parecem ser rigorosamente verticais. Muitos afloramentos apresentam também faces laterais lisas, perpendiculares à principal e também elas orientadas verticalmente. A sua aparência e textura são sempre diferentes das faces principais, e normalmente de pior qualidade para a realização de gravuras. Devem mencionar-se ainda a presença de algumas superfícies horizontais ou sub-horizontais, na sua generalidade pouco aptas a eventuais gravações. Localizam-se geralmente junto à base das faces principais ou no topo dos afloramentos, surgindo por vezes isoladas ou no interior de abrigos.

As dimensões dos afloramentos, na perspectiva da face principal, têm uma grande variabilidade, desde os de grande tamanho, com vários metros de altura e atingindo até uma vintena de metros de comprimento, aos pequenos painéis com dimensões inferiores a meio

metro. Tendo em conta a grande quantidade de afloramentos existente por toda a encosta, todas as diversas categorias de tamanhos estão bem representadas. Pode dizer-se que o típico afloramento da Foz do Côa terá uma altura pouco inferior a 2 metros, e um comprimento entre os 3 e os 7 metros.

Finalmente, no respeitante às cores e texturas das superfícies, nomeadamente das faces principais, é notória a falta de uniformidade, não só entre os diferentes afloramentos mas também dentro de uma mesma superfície, que apresentam em regra numerosas variações cromáticas e gradações evidentes na textura superficial, que se reflectem na maior ou menor qualidade das superfícies para efeitos de gravação. O castanho, nos seus diversos matizes, domina largamente, havendo duas variantes desta cor com bastante importância na Foz do Côa: o castanho-vinhoso, relativamente raro, normalmente associado a excelentes superfícies, muito lisas e brilhantes; e o castanho-alaranjado ou castanho-avermelhado, numericamente importante, associado a texturas variadas, mas geralmente de boa qualidade, ainda que mais baças e rugosas que as anteriores. Outra tonalidade muito presente é o cinzento, também com algumas cambiantes, e em regra associado a boas ou excelentes superfícies, destacando-se a variante do cinzento-esverdeado, por vezes associada a manchas avermelhadas e também a umas raras manchas azuis. Dentro das outras cores que ainda aparecem, podemos mencionar o preto e o bege, frequentes sobretudo em pequenas manchas, mas por vezes dominantes, geralmente associadas a más texturas.

A prospecção

Os trabalhos de prospecção iniciaram-se a 19 de Janeiro de 2005 e terminaram a 2 de Setembro do mesmo ano, com frequentes descontinuidades de permeio. Foram necessários 73 dias de trabalho de campo para prospectar exaustivamente a totalidade da área, tendo o tempo seco e pouco chuvoso ajudado bastante. Como curiosidade, refira-se que a quantidade de rochas historiadas (incisas) no núcleo da Foz do Côa é tão grande que somente em 11 dos 73 dias não se encontraram novos painéis gravados.

1. Antecedentes

O primeiro reconhecimento do núcleo de gravuras da Foz do Côa remonta a 1982 quando, por ocasião dos trabalhos de emergência no sítio do Vale da Casa devido ao enchimento da barragem do Pocinho, se descobriram aqui as primeiras seis rochas, todas localizadas perto do pilar da ponte ferroviária e nas imediações de alguns moinhos (Baptista, 1983), apresentando exclusivamente motivos picotados de época moderna e contemporânea. Foram numeradas de 1 a 6 e encontram-se presentemente submersas nas águas alteadas da albufeira do Pocinho, pelo que a sua realocação não foi agora possível. Posteriormente, onze novas rochas foram identificadas de forma esporádica entre 1995 e 2004 por João Félix e Manuel Almeida (do CNART), com motivos paleolíticos e proto-históricos, alguns de grande qualidade. Receberam os números de inventário do 7 ao 17 e registadas novamente neste trabalho de prospecção.

O conhecimento já em 2004 da existência destas dezassete rochas gravadas afirmava desde logo da importância do núcleo da Foz do Côa. Com o conhecimento prévio destas rochas e a mera observação à distância da imensa quantidade de afloramentos e superfícies verticais na encosta da margem esquerda da Foz do Côa, a probabilidade de uma prospecção sistemática vir a revelar novas gravuras afigurava-se desde o princípio como sendo muito elevada.

2. Objectivos

O principal objectivo deste trabalho era definir rigorosamente o núcleo da Foz do Côa e fazer um primeiro registo de todas as manifestações de arte rupestre aqui detectadas. Tendo isto em conta, foi possível entretanto definir um segundo objectivo, de acordo com o PAVC, e que era ampliar a orientação da prospecção para todas as restantes manifestações patrimoniais e arqueológicas que pudessem surgir. Ou seja, não nos limitarmos a uma prospecção orientada unicamente para a arte rupestre, mas aproveitar a ocasião de se estar a levar a cabo uma prospecção com grande detalhe e sistematização e registar todos os vestígios encontrados, não só os arqueológicos, mas também as diferentes construções e manifestações rurais e etnográficas de época moderna.

Pese embora todo o trabalho aqui realizado, há ainda uma série de limitações ao conhecimento exaustivo da arte rupestre da Foz do Côa, quer porque algumas rochas foram sendo destruídas ao longo dos tempos, outras se encontram ocultas sob sedimentos ou deslocamentos de terras e outras ainda estão permanentemente submersas. Noutro lugar apresentamos uma análise mais detalhada e aprofundada sobre estes diferentes motivos, procurando analisar os problemas específicos e as restrições à prospecção da arte rupestre no Côa (Baptista e Reis, no prelo). Neste caso, podemos dizer que a maior restrição com que nos defrontámos foi o facto dos últimos 20 ou 25 metros da encosta se encontrarem actualmente submersos, impossibilitando o acesso e conhecimento das rochas historiadas que aí possam existir, e que supomos serão bastantes. Por outro lado, o alteamento artificial do Côa e uma densa vegetação ribeirinha dificultam em muitos pontos o acesso aos afloramentos que se encontram mais perto da água.

3. Método

Tendo em conta que só há uma forma segura de saber se determinado afloramento é ou não historiado, e que é observá-lo directamente *in loco*, então a única maneira de descobrir todas as rochas com arte rupestre de um determinado local é observar directamente todos os afloramentos existentes à superfície, sem excepção. Neste caso, definir um método de observação passava em primeiro lugar por determinar a forma de percorrer o terreno sem deixar de observar qualquer afloramento. A distribuição particular dos afloramentos de xisto e das suas superfícies verticais, que se dispersam de forma relativamente ordenada no terreno e tem limites bem delimitáveis uns dos outros, faz com que o objectivo de os observar individualmente seja perfeitamente exequível, independentemente da sua quantidade, desde que se tenha tempo e paciência para o fazer.

Como numa normal prospecção arqueológica sistemática, o que se fez foi dividir e percorrer o terreno em “talhões”, ou manchas de prospecção, em que a mancha de um determinado dia se inicia exactamente onde a do dia anterior terminou. A dimensão destas manchas depende grandemente das condições do terreno e da maior ou menor quantidade de achados a registar, mas uma prospecção orientada especificamente para a arte rupestre produzirá em regra manchas de prospecção bastante pequenas, particularmente num sítio com as características e quantidade de afloramentos como a Foz do Côa.

Dentro de uma determinada mancha de prospecção, esta era geralmente percorrida por bandas paralelas, seguindo as curvas de nível. Muito raramente foi possível fazer bandas paralelas “perfeitas”, devido à irregularidade do terreno, e teve sempre que se ter muita atenção à existência de afloramentos e superfícies verticais nos espaços intermédios, frequentemente escondidos e de difícil acesso. Os limites de todas as manchas foram marcados com GPS, o que se revelou muito útil para evitar espaços vazios não prospectados, nomeadamente quando, como por várias vezes aconteceu, se retomou determinada área

após um intervalo temporal mais ou menos longo. Em regra foi possível adoptar marcadores naturais ou artificiais como limites de prospecção, mas a encosta não se revelou muito pródiga em elementos paisagísticos marcantes, nomeadamente nas zonas inferiores, onde os afloramentos são numerosos e todos semelhantes, pelo que as rochas com gravuras se revelaram frequentemente essenciais para não se perder o fio à meada, até por serem sempre numeradas a tinta vermelha, tornando-se assim de mais fácil relocalização.

Uma vez detectada uma nova rocha com gravuras ou relocalizada uma das já anteriormente conhecidas, procedíamos ao seu registo inicial e sumário. Isto passou por várias tarefas: tirar uma coordenada GPS, limpar a superfície gravada e o mato em frente, fotografar a rocha e os seus motivos, atribuir-lhe um número e pintá-lo na própria rocha com tinta vermelha (fazendo um número pequeno e discreto) e, naturalmente, preencher uma ficha com uma primeira descrição das características principais da rocha e dos seus motivos. Os restantes achados registados passaram por um procedimento de inventário semelhante.

4. Resultados

4.1 Outras ocorrências

Ao todo e para além da arte rupestre, registamos 21 sítios arqueológicos e patrimoniais, na sua grande maioria referentes a construções de carácter agrícola. Destacam-se os chamados “casebres agrícolas”, localmente designados por “casebre das alfaias”, que perfazem um total de 15 dos 21 sítios, e que são pequenas cabanas de xisto, geralmente rectangulares e de um só compartimento, disseminadas ao longo da encosta, com a função de servir de apoio à exploração agrícola.

Esta já foi em tempos intensa em toda a área do núcleo da Foz do Côa, incluindo nas zonas mais pedregosas e de maior inclinação, como o demonstram não só a própria quantidade destes casebres, mas também os socalcos e muros de propriedade que despontam por todo o lado, na sua maioria fora de uso. Actualmente a agricultura encontra-se restringida a pequenos terrenos parcelados na parte superior da encosta e também na parte Norte, junto ao Douro, e de todos os casebres que encontramos, apenas um se mantém ainda intacto e em uso (ou, pelo menos, com o telhado no sítio e a porta fechada à chave), associado a um terreno agrícola ainda em exploração. Aliás, um dos interesses no estudo e registo destas construções, na sua maioria patrimonialmente desinteressantes, reside no facto de reflectirem parcialmente a divisão das terras e o emparcelamento agrário na época moderna.

Por outro lado, é frequente os casebres aproveitarem os afloramentos de xisto e as suas superfícies verticais para neles se adossarem. Em alguns casos, essas superfícies podem estar gravadas, resultando no curioso facto de termos um modesto casebre com decoração pré ou proto-histórica interior, por vezes de luxo! Na Foz do Côa, três dos quinze casebres têm gravuras no interior, curiosamente um com um painel paleolítico, outro proto-histórico e outro de época moderna, a que podemos juntar ainda os dois casebres do chamado núcleo agrícola.

Este é um grupo de construções na zona da embocadura do Côa, composto por uma casa e três pequenos casebres. Escolhemos esta designação por não sabermos exactamente o que foi e para que serviu este conjunto de construções, embora nos pareça que terão integrado em tempos uma pequena quinta. Junto ao Douro e à entrada da ponte ferroviária fica a casa, em ruínas e parcialmente ocupada por um inestético barracão de cimento. É uma verdadeira casa, grande e compartimentada, com pequenos anexos exteriores. Nas suas imediações situam-se os três casebres agrícolas, que lhe deveriam estar subordinados. Quanto à funcionalidade deste conjunto, certamente não estaria alheada da exploração agrícola dos campos em volta. Mas é possível que pudesse acumular outras funções. Por um lado, é

sabido que existiam alguns moinhos na zona da embocadura do Côa (García Díez e Luís, 2003: 222), e esta casa poderia servir de apoio ou controlar essa exploração. Mas, talvez mais importante, o antigo caminho entre Vila Nova de Foz Côa e Castelo Melhor, de que existem ainda alguns troços de calçada (conhecido localmente como “Estrada Romana”, mas que deverá ser de época moderna, talvez remontando à Idade Média), passava literalmente à porta desta casa, embora na zona já não existam vestígios. Tanto quanto se sabe, nunca aqui existiu uma ponte antes da actual, e a passagem do Côa e também do Douro era aqui feita em barca. Assim, parece-nos provável que esta casa estivesse associada à estrada e às barcas de passagem, sendo possível que tivesse funcionado também como venda e/ou albergue, algo que talvez a documentação local possa elucidar.

Um outro motivo de interesse deste conjunto é a sua relação com a arte rupestre da Foz do Côa. Todos os três casebres se associam directamente a gravuras, um porque as pedras usadas na construção das suas paredes têm diversas gravuras, e os outros dois porque as paredes de fundo são superfícies verticais historiadas, uma com gravuras modernas pouco relevantes, mas a outra com excelentes gravuras paleolíticas. Por outro lado, é nas imediações destas construções que se encontra um grupo de rochas com motivos picotados de época moderna, as seis que se encontram submersas e uma outra que apareceu em prospecção, e parece-nos muito provável que a localização particular destas gravuras se deva à existência no local de um foco de actividade importante, documentado por todas estas estruturas. Podemos referir por fim outros dois achados, de natureza mais propriamente “arqueológica”, e que são um fragmento cerâmico do bordo de um pequeno recipiente semiesférico, de provável cronologia calcolítica, que poderá indiciar a existência de ocupação antiga na plataforma entre rochedos onde apareceu; e um pequeno abrigo (que corresponde também à Rocha 134 da Foz do Côa) em cujo canto mais interior apareceu um único fragmento de cerâmica de fabrico manual, de características algo indefinidas, que poderá ser da Idade do Ferro.

4.2 A Arte rupestre

Quanto à arte rupestre propriamente dita, este trabalho de prospecção superou bastante as já de si elevadas expectativas que tínhamos, tendo-se descoberto cento e sessenta e nove novas rochas gravadas, que se juntaram às dezassete já conhecidas, perfazendo um total de cento e oitenta e seis rochas com gravuras inventariadas no núcleo da Foz do Côa. Este é assim o núcleo da Arte do Côa com mais rochas registadas, a grande distância do seguinte, a Canada do Inferno, que conta com 43 rochas inventariadas. Considerando que a parte submersa do núcleo poderá ter ainda grande quantidade de gravuras por revelar, admitimos que o número total de rochas gravadas poderá superar as duas centenas.

Às rochas com motivos gravados temos que juntar mais dois achados fortuitos de arte rupestre, inventariados separadamente, uma vez que já não se trata propriamente de “rochas”, mas sim de pedras soltas com vestígios de gravuras, partidas e extraídas intencionalmente de afloramentos, e utilizadas para construção, estando assim deslocadas da sua posição original. Em ambos os casos, supomos que os afloramentos originais se situariam bastante próximo de onde foram encontradas. O primeiro destes achados consiste em duas pedras com gravuras filiformes paleolíticas, utilizadas na construção de um pequeno murete de suporte de uma oliveira. Uma das pedras tem uma figura incompleta de um equídeo inciso em traço simples, e a outra tem só alguns traços lineares, de motivos não identificáveis. O outro achado encontra-se nas paredes de um dos casebres do núcleo agrícola acima referido, e consiste em cerca de vinte pedras (fragmentos) com diversas gravuras em traço filiforme. Ao contrário do caso anterior, a cronologia destas gravuras não é inteiramente clara, até por não conseguirmos

identificar nenhum motivo definido, apenas associações mais ou menos caóticas de traços, aparentemente da Idade do Ferro.

As restantes rochas historiadas são todas gravadas e pertencem a três períodos cronológicos distintos: o Paleolítico superior, a Idade do Ferro e a Época Moderna/Contemporânea, com a notória ausência da Pré-História recente. As gravuras indeterminadas deverão todas inserir-se em algum destes 3 períodos. É esta a relação cronológica das rochas da Foz do Côa:

Indeterminadas – 32

Paleolíticas – 55

Idade do Ferro – 44

Modernas – 21

Paleolíticas + Idade do Ferro – 10

Paleolíticas + Modernas – 12

Idade do Ferro + Modernas – 6

Paleolíticas + Idade do Ferro + Modernas – 6

Perfazendo os totais:

Paleolíticas – 83

Idade do Ferro – 66

Modernas – 45

Indeterminadas – 32

Estes números devem ser considerados provisórios, uma vez que a atribuição cronológica se fez unicamente pela observação diurna e em prospecção das superfícies, que não foram totalmente limpas e se encontram repletas de líquenes. As gravuras são quase todas filiformes, geralmente muito patinadas e de difícil observação e interpretação, pelo que nenhuma delas foi observada em condições apropriadas para uma plena e cabal apreciação (as excepções são as Rochas 1 a 6, que foram definitivamente estudadas em 1982). Assim, o futuro estudo e levantamento destas rochas deverá, por um lado, ocasionar a redistribuição cronológica de pelo menos algumas das rochas consideradas indeterminadas e, por outro lado, originar a revisão de algumas das cronologias agora propostas, na maioria dos casos pela revelação da presença de motivos actualmente não detectados e, noutros casos, provocando uma possível reconsideração da presente cronologia.

Observações preliminares às gravuras da Foz do Côa

1. Técnicas de execução

Todos os motivos que detectámos na Foz do Côa são obtidos por gravação, não se tendo encontrado um único motivo pintado. Dentro das diversas técnicas de gravação existentes, quatro estão representadas na Foz do Côa: a picotagem e a abrasão, duas técnicas que formam motivos de traço largo e relativamente bem visível, muito comum em diversos períodos da Arte do Côa, a raspagem, uma técnica muito rara na região, e a incisão com traço fino ou filiforme, também uma técnica muito frequente na Arte do Côa, particularmente adaptável aos painéis xisto-grauváquicos. A distribuição destas quatro técnicas pelas 186 rochas é a seguinte:

Filiforme – 180 rochas

Picotagem – 9 rochas

Raspagem – 2 rochas

Abrasão – 1 rocha

A técnica filiforme domina esmagadoramente, estando apenas ausente nas Rochas 1 a 6, que apresentam exclusivamente motivos picotados, e todas as rochas actualmente emersas do núcleo da Foz do Côa e que foram observadas no decurso desta prospecção apresentam, sem uma única excepção, traços filiformes, sendo uma técnica utilizada em todos os períodos. Mesmo nos raros casos em que diferentes técnicas foram utilizadas no mesmo painel, a Filiforme é qualitativa e quantitativamente dominante, com excepção apenas das Rochas 97 e 98.

A raspagem encontra-se em apenas 2 motivos, um pequeno cervídeo paleolítico na Rocha 10, e uma figura antropomórfica moderna na Rocha 31, delineada a traço filiforme mas com o corpo preenchido por raspagem.

A abrasão encontra-se unicamente numa inscrição moderna da Rocha 97, associada a mais alguns traços filiformes pouco relevantes.

Para além das seis rochas já referidas, a picotagem encontra-se em mais outras três, sendo uma delas a Rocha 49, que apresenta a data picotada de 1762, e nas Rochas 21 e 98, ambas com manchas de pontos picotados de cronologia indeterminada, a primeira de pequenas dimensões mas a segunda ocupando quase todo o painel.

Cronologicamente, vemos que no Paleolítico superior a imensa maioria dos motivos são em traço filiforme, com a única excepção do cervídeo raspado da Rocha 10. A Idade do Ferro, à semelhança do que sucede nos restantes núcleos, apenas tem motivos filiformes, sem excepções, enquanto que a época moderna é, na Foz do Côa, o período tecnicamente mais variado, tendo motivos em todas as técnicas aqui inventariadas, com claro predomínio de motivos filiformes, mas com um importante conjunto de motivos picotados, sendo as restantes técnicas residuais.

2. Escolha das superfícies

No universo das cento e oitenta e seis rochas gravadas da Foz do Côa, pode fazer-se a seguinte relação relativamente à escolha da superfície:

Rochas gravadas na face principal – 182

Rochas gravadas numa das faces laterais – 4

Rochas gravadas numa superfície horizontal – 1

A escolha da face principal domina esmagadoramente, sendo esta estatística similar à dos restantes núcleos de gravuras da região. Tendo em conta o aspecto das superfícies, também as gravuras dos dois achados fortuitos deveriam integrar a face principal dos respectivos afloramentos. As quatro rochas gravadas nas faces laterais são as Rochas 43, 97, 133 e 134, e nenhuma tem motivos paleolíticos. A Rocha 97 tem uma inscrição moderna, as Rochas 43 e 133 têm ambas um único motivo da Idade do Ferro, enquanto que a Rocha 134 tem alguns traços de cronologia indeterminada, talvez também da Idade do Ferro. Curiosamente, estão todas voltadas para Nordeste em direcção ao Douro. A única rocha com uma superfície sub-horizontal historiada é também a Rocha 134, um pequeno bloco no interior de um abrigo.

3. Cores e texturas das superfícies

Tendo em conta a ampla variedade de escolha, é interessante notar que parecem existir algumas tendências diferentes na escolha das superfícies dentro dos diferentes períodos cronológicos.

Na época Moderna/Contemporânea não nos pareceu que houvesse algum critério definido na escolha das cores, parecendo haver apenas algum cuidado com a escolha de superfícies de textura minimamente regular. Já no período Paleolítico, o critério dominante, com poucas excepções, parece ser o da procura de superfícies de boa ou excelente qualidade, as quais, de uma forma geral, se associam às cores castanha e cinzenta, com relevo para matizes de castanho-vinhoso, que está normalmente associado às melhores superfícies em toda a área do núcleo, e que quase sempre ostentam gravuras paleolíticas, facto tanto mais relevante quanto são relativamente raras, e o cinzento-esverdeado, que caracteristicamente se associa a umas pequenas manchas avermelhadas ou, mais raramente, azuladas, e as quais os artistas paleolíticos parecem por vezes ter apreciado, como se vê no belo efeito cromático na cabeça de uma das fêmeas de cervídeo da Rocha 149.

Já na Idade do Ferro os critérios parecem ser mais heterogéneos, tendo menos a ver com a qualidade das superfícies e mais com a sua cor. Assim, encontram-se gravuras proto-históricas em quase todas as texturas disponíveis, incluindo algumas de muito má qualidade e, embora de forma geral se procurem texturas com alguma regularidade, não parece notar-se uma procura deliberada das melhores superfícies. Por outro lado, quase todo o espectro de cores existente nas superfícies da Foz do Côa é utilizado para a realização de gravuras deste período, com predomínio das superfícies de cor castanha e, particularmente, castanho-alaranjado ou castanho-avermelhado, sendo esta uma tendência que se nota também em outros núcleos do Vale do Côa, parecendo ser esta a cor preferida dos gravadores proto-históricos. Estas superfícies são normalmente bons painéis, de textura lisa e regular, mas ainda assim de qualidade inferior à de outras superfícies disponíveis, sendo mais duras, mais baças e ligeiramente mais rugosas e sendo, com algumas excepções, tendencialmente evitadas pelos artistas paleolíticos.

4. Tamanho dos painéis e localização das gravuras nas superfícies

De uma forma empírica, a relação da frequência dos afloramentos em função do tamanho da sua face principal (o que se aplica a todos os afloramentos existentes na encostas da Foz do Côa e não apenas aos que apresentam gravuras) parece ter uma variação inversamente linear, isto é, quanto maiores são menos gravuras existem e vice-versa. Relativamente às rochas historiadas, vemos que a relação é tendencialmente semelhante, ou seja, há um claro predomínio dos tamanhos intermédios e uma tendência para evitar os painéis maiores e os muito pequenos. Apenas neste último caso se parece fugir ao padrão natural, pois são bastante frequentes ao longo de toda a encosta e apenas um reduzidíssimo número foi aproveitado para fazer gravuras. Isto mostra que, em todos os períodos, se evitou tendencialmente aproveitar este tipo particular de painéis para a realização de gravuras, o que não é surpreendente, dado que as suas escassas dimensões e o facto de quase sempre se encontrarem junto ao solo os tornam pouco práticos para serem trabalhados e visualizados. À primeira vista, poderíamos dizer que o tamanho do painel não parece ter sido um critério muito importante, com excepção da época Moderna, em que há alguma tendência para a escolha dos painéis de maiores dimensões. No entanto, este panorama muda um pouco se introduzirmos o critério da maior ou menor importância das rochas historiadas e o relacionarmos com o tamanho dos respectivos painéis. Naturalmente, é arriscado utilizarmos estes critérios, dada a sua evidente subjectividade e a dificuldade de sabermos se os nossos

critérios de “importância” coincidem com os dos contemporâneos destas gravuras, mas considerando factores como a densidade de gravuras nos painéis, a sua qualidade, raridade, espectacularidade, etc., vemos que, particularmente no Paleolítico e na Idade do Ferro, parece haver uma clara intencionalidade na escolha das rochas de maiores dimensões para as composições mais relevantes, embora haja excepções.

Analisando agora rapidamente a questão da localização das gravuras dos diferentes períodos no espaço operativo dos painéis, e particularmente a questão da sua altura em relação ao solo, assinalamos também a existência de critérios e tendências diferentes para os diferentes períodos.

Na época Moderna o principal critério parece ter sido o da comodidade do gravador, pois todos os motivos modernos se encontram na parte intermédia dos painéis, na posição mais natural e conveniente, não se encontrando nenhum junto ao solo ou em zonas muito elevadas dos painéis. Pelo contrário, no Paleolítico e na Idade do Ferro existem tendências bastante claras que parecem indicar que a posição das gravuras nos painéis era um factor a ter também em conta na sua realização. Assim, na Idade do Ferro quase todos os motivos se situam na parte inferior dos painéis, com frequência junto ao próprio solo, numa posição altamente incómoda para o gravador. É certo que a maioria dos motivos poderia ser gravado sem grandes problemas tendo-se em atenção o estilo das representações, mas estão quase todos numa posição muito baixa, e isto mesmo nos numerosos painéis com espaço e condições suficientes para esses motivos serem realizados em posições superiores e mais cómodas. No Paleolítico, pelo contrário, evita-se de uma forma geral a posição mais inferior dos painéis, estando a grande maioria dos motivos em posições intermédias ou superiores. Isto poderá reflectir uma busca de comodidade por parte dos gravadores, mas as excepções a este critério são demasiado numerosas para que o possamos considerar como dominante. Assim e ao contrário da Idade do Ferro, em que as excepções à regra são poucas e de fraca relevância, no Paleolítico encontram-se motivos em todas as zonas possíveis dos painéis, desde as junto ao solo até às mais elevadas. É o caso dos motivos realizados em zonas muito elevadas dos painéis, como sucede, por exemplo, nas Rochas 14, 16 ou 143, que necessitaram imprescindivelmente de meios auxiliares para a sua concretização, e são hoje de muito difícil detecção e interpretação, formando no entanto conjuntos de gravuras de grande perfeição técnica e estética.

5. Distribuição das rochas

Como é evidente, uma análise sobre a distribuição das gravuras das diferentes épocas ao longo da encosta fica fortemente prejudicada pelo facto de não conhecermos as que se encontram na parte submersa. Mas analisando a distribuição das agora conhecidas, a primeira conclusão é que as rochas dos três períodos cronológicos bem identificados seguem lógicas de implantação similares, sem grandes diferenças entre elas.

Numa primeira apreciação, constatamos que existem rochas com gravuras um pouco por todo o lado, mas que a distribuição não é uniforme, com apreciáveis variações da densidade de rochas ao longo da área do núcleo. De uma forma geral e como seria de esperar, estas variações acompanham a distribuição dos afloramentos ao longo da encosta, mas com algumas excepções, havendo casos de áreas com ampla quantidade de afloramentos e superfícies aptas para a realização de gravuras, mas que não foram escolhidas, por razões ainda não totalmente compreensíveis. Assim, a parte superior encontra-se quase vazia, e as rochas começam a aparecer sensivelmente um pouco acima do meio da encosta, sendo a sua maior concentração na parte central inferior do núcleo. A zona da embocadura tem poucos afloramentos e, consequentemente, poucas rochas gravadas, mas é também a parte

proporcionalmente mais afectada pela subida das águas, uma vez que a altura da encosta é aqui mais baixa.

Há uma tendência para o aumento da densidade de rochas historiadas à medida que se desce na encosta, mas a máxima concentração não se verifica na zona mais inferior, mas numa faixa de terreno contida entre os 20 e os 50 metros acima da actual linha de água. Curiosamente, na faixa de terreno junto à linha de água, a concentração de rochas é bastante baixa em todos os períodos, e nem mesmo a deficiente prospecção aqui realizada (pelas razões já expostas) pode explicar este facto, que parece resultar de uma escolha intencional da não gravação das rochas desta zona.

Das quarenta e cinco rochas com gravuras modernas, vinte e quatro apresentavam já motivos de períodos anteriores, o que é uma apreciável percentagem. Tendo em conta a profusão de rochas com gravuras antigas, é normal que muitos motivos modernos se lhes pudessem juntar, e é bem provável que os gravadores modernos frequentemente não se apercebessem da sua existência, nomeadamente quando são poucas e muito patinadas. Nalguns casos particulares, como nas Rochas 14 e 16, com painéis de enormes dimensões e totalmente repletos de evidentes gravuras antigas, a colocação das gravuras modernas (em ambos os casos figuras cruciformes) em zonas laterais e escusas dos painéis parece indicar a consciência da existência das gravuras antigas e o desejo de evitar sobreposições. Mas estas duas rochas, a par de diversas outras de características similares, parecem indicar que um dos principais critérios para a escolha de superfícies para a realização de gravuras modernas terá sido as suas grandes dimensões e/ou maior visibilidade no terreno, sendo assim natural que se juntem a gravuras mais antigas, para as quais critérios semelhantes poderão ter também existido.

Assim, a distribuição das rochas de cronologia moderna segue um padrão semelhante ao das restantes, sendo a principal diferença que a sua densidade parece ser mais ou menos uniforme ao longo da encosta, sem grandes concentrações, o que deverá reflectir a dispersão das actividades agrícolas por toda a área do núcleo, de alto a baixo da encosta, actividades essas que se deverão ter generalizado precisamente na Época Moderna. A excepção a esta uniformidade vem do grupo de sete rochas com motivos picotados, concentradas numa área restrita nas imediações da embocadura, cuja existência pelo menos em parte está comprovadamente ligada à existência de moinhos nesta zona, como no caso já conhecido das gravuras do moleiro Alcino Tomé (García Díez e Luís, 2003), podendo estar de forma mais geral relacionadas com a existência de um importante foco de estruturas e actividades de época moderna, como já referimos.

Os artistas proto-históricos foram aparentemente criteriosos na escolha dos painéis, tendo evitado as rochas previamente gravadas no paleolítico, havendo sobreposição apenas em 16 das 66 rochas da Idade do Ferro, o que é tanto mais notável quanto estas rochas tem uma distribuição que segue de perto a das rochas paleolíticas, tendo em geral os mesmos picos de concentração. Isto parece implicar que na Idade do Ferro se tinha consciência da existência das gravuras paleolíticas, o que parece ser reforçado se considerarmos que naquelas 16 rochas raramente as gravuras mais recentes se sobrepõem às anteriores, estando regra geral em zonas distintas dos painéis. É certo que esta aparente intenção em evitar misturas por parte dos artistas da Idade do Ferro poderia resultar muito simplesmente da aplicação de critérios bem definidos e distintos para ambos os períodos na escolha das superfícies e das zonas dos painéis para gravar, e mesmo que tenha existido conhecimento da existência das gravuras paleolíticas, este parece ter tido uma influência mínima nas temáticas e composições da arte proto-histórica.

As rochas da Idade do Ferro localizam-se principalmente na zona mais central da encosta,

com reduzida dispersão para as periferias, podendo-se distinguir dois grandes grupos. O primeiro e o menor localiza-se numa zona ligeiramente superior e mais a montante. O segundo é maior e mais denso, ocupando toda a grande mancha de afloramentos no sector central e inferior da encosta. Como detalhes interessantes, podemos ver que não existe, pelo menos de momento, nenhuma rocha proto-histórica nas imediações da embocadura do rio, e que existem poucas junto à actual linha de água, havendo apenas a Rocha 7 ao lado do rio, e tendo a maioria das restantes, mesmo as que se encontram mais perto do rio, um acesso difícil à linha de água, devido à inclinação da encosta, estando assim na realidade relativamente distantes. Ou seja, a grande maioria das rochas com gravuras proto-históricas concentra-se na zona intermédia da encosta, no que poderemos chamar de sector médio/inferior, incluindo a quase totalidade das rochas mais importantes. Assim, a zona fulcral da encosta no respeitante à implantação destas rochas parece ser a central, com uma relativamente reduzida dispersão de rochas para as periferias. Naturalmente, a eventual existência de muitas rochas e gravuras importantes da Idade do Ferro na parte submersa da encosta alteraria consideravelmente esta conclusão mas, a ser assim, poderíamos dizer que as rochas importantes da Idade do Ferro se distribuiriam em altura por duas partes distintas da encosta, com um nítido intervalo a meio.

Olhando mais detalhadamente a distribuição das rochas e dos respectivos motivos para a Idade do Ferro, entrevemos a existência de um interessante padrão, que parece existir também noutros núcleos da Arte do Côa, e que consiste na tendência das rochas gravadas se agregarem em pequenos grupos, centrados em torno de uma rocha principal, na qual invariavelmente existem figuras antropomórficas. Isto é, de uma forma geral, e admitindo excepções, o padrão de distribuição a uma pequena escala parece centrar-se numa rocha, que poderemos chamar de rocha principal, que apresenta grande quantidade de motivos, geralmente de maior complexidade e importância, com frequentes sobreposições, incluindo por vezes cenas narrativas (de caça ou combate), e tendo sistematicamente figuras antropomórficas, que geralmente dominam as composições. Nas imediações desta rocha principal dispersam-se outras, que podem considerar-se como rochas secundárias, que têm geralmente um número reduzido de motivos, de menor complexidade e exuberância, apresentando no seu conjunto a panóplia habitual de motivos proto-históricos: quadrúpedes diversos, sobretudo cavalos e cães, armas, geométricos e, por vezes, mais uma ou outra figura antropomórfica. Dada a grande diversidade de estilos que podemos entrever dentro destes hipotéticos grupos, não parece provável que resultem de um único acto de criação, mas sim que a rocha principal poderá funcionar como factor de agregação para a gravação de outros motivos no espaço em redor, podendo-se assim dizer que será em grande medida a representação das figuras humanas a determinar a distribuição ao longo dos tempos dos motivos e composições da arte proto-histórica do Côa. Isto já se entrevia no primeiro dos núcleos conhecidos da Arte do Côa, o Vale da Casa, onde a conhecida Rocha 10 se localiza numa posição central e foi desde logo considerada a principal rocha do complexo, pela imensa complexidade e variedade dos seus motivos, congregando quase todas as figuras antropomórficas aqui conhecidas, e cujas múltiplas sobreposições permitiram afirmar que terá sido uma das primeiras a ser gravada do conjunto, integrando as figuras antropomórficas logo a primeira fase de gravação deste painel (Baptista, 1983: 66).

A distribuição das rochas proto-históricas e paleolíticas tem muitas semelhanças entre si, mas existem algumas diferenças assinaláveis. Enquanto que as da Idade do Ferro evitam a zona da embocadura do Côa e se prolongam para a área mais a montante, existe um muito importante conjunto de rochas paleolíticas nas imediações da embocadura, havendo até um pequeno grupo já sobranceiro ao Douro, enquanto que a zona mais a montante está quase vazia de

gravuras paleolíticas e as poucas que há são de reduzida importância. Outra diferença importante tem a ver com a distribuição ao longo da encosta, estando a maior concentração de rochas em ambos os períodos no sector médio/inferior da encosta, mas com uma ampla dispersão das rochas paleolíticas desde a parte mais alta da encosta até à margem do Côa, contrariamente à reduzida dispersão das rochas proto-históricas. As rochas situadas nas cotas mais elevadas são quase todas paleolíticas, incluindo a mais alta, a Rocha 18, e são relativamente abundantes as rochas paleolíticas junto à actual linha de água, tudo indicando que a tendência se mantenha na parte submersa da encosta.

No entanto, mesmo com esta relativamente ampla dispersão, há uma evidente maior concentração de rochas paleolíticas na parte média/inferior da encosta, numa faixa entre os 30 e os 50 metros acima da actual linha de água. É também nesta estreita faixa de terreno que se encontram a maioria das rochas mais interessantes, isto é, as que apresentam mais e melhores motivos, incluindo todas as escassas rochas do núcleo mais complexas, ou seja, que se caracterizam por apresentar densas sobreposições de motivos paleolíticos um pouco por todo o painel. Assim, a principal zona da encosta para a implantação das gravuras paleolíticas não é o mais perto possível de água, mas tem um pico de concentração numa determinada faixa intermédia, sendo essa concentração tanto em quantidade como em qualidade. Mas, mais uma vez, não conhecemos as rochas paleolíticas que possam existir na parte terminal e submersa da encosta, e se poderão ou não alterar substancialmente a ideia aqui transmitida.

A Arte Rupestre da Foz do Côa

1. Rochas de cronologia indeterminada

Na sua maioria, as trinta e duas rochas da Foz do Côa de cronologia indeterminada são bastante desinteressantes, embora por razões diversas. Algumas, ainda que inventariadas, apresentam apenas simples traços avulsos. No entanto, alguns destes traços poderão eventualmente formar motivos (mesmo antigos) o que só a limpeza das superfícies e o levantamento das gravuras poderá ou não confirmar. Noutros casos é possível reconhecer motivos, mas a sua atipicidade não permite uma classificação. De entre todas estas rochas, destacaríamos apenas uma, a Rocha 134, pelas suas características pouco habituais. Trata-se em primeiro lugar de um abrigo sob rocha, algo bastante raro em toda a Arte do Côa, e onde se encontrou um pequeno fragmento de cerâmica de fabrico manual, que poderá até talvez ser da Idade do Ferro, o que a confirmar-se seria um factor de interesse acrescido. Outra raridade é que apresenta dois painéis distintos com gravuras, ambos com disposições muito pouco frequentes, um painel lateral e outro horizontal. Infelizmente, as gravuras que ambos apresentam são pouco características e expressivas. No painel lateral surgem alguns traços talvez da Idade do Ferro, e no painel horizontal há um peculiar conjunto de traços que parecem ser pequenos caracteres cursivos, fortemente patinados, mas onde não reconhecemos qualquer sentido aparente.

2. A Época Moderna/Contemporânea

Identificaram-se quarenta e cinco rochas com gravuras modernas ou contemporâneas, incluindo alguns graffiti recentes, com uma tipologia pouco variada.

Exceptuando alguns graffiti, apenas registamos duas rochas com inscrições de época moderna na Foz do Côa. Uma é a da Rocha 97, datada de meados do século XX, obtida por abrasão, em que surgem alguns nomes de pessoas associadas às datas dos seus nascimentos. A outra encontra-se na Rocha 49, e tem tão só a data de 1762, obtida por picotagem e sobreposta a gravuras paleolíticas. O seu principal interesse é estar integrada no

que podemos chamar tecnicamente o “grupo das rochas picotadas”, que inclui as Rochas 1 a 6, presentemente submersas, e das quais podemos fazer resumidamente a seguinte descrição: a Rocha 1 apresenta uma grande custódia, associada à data de 1879 e a dois nomes, entre os quais o de Alcino Tomé. A Rocha 2 é a mais complexa do conjunto, apresentando num sector uma bela locomotiva, associada directamente à data de 1946, e alguns nomes e a data de 1928; no painel esquerdo está figurada uma casa de dois andares, ao lado do nome Alcino Tomé e da data 1944, tendo por baixo a figura de uma avioneta. Para a direita há ainda uma face humana associada à assinatura Tomé e à data 1947, tendo finalmente por cima uma bonita figura de uma sereia. A Rocha 3 apresenta numa grande cartela rectangular a assinatura “José do Nascimento Freixeiro”, tendo por baixo a figura de um homem num barco rabelo, sendo o conjunto ladeado pela inscrição “Vila Nova de F.”. A Rocha 4 tem uma pequena custódia e três cruces, associadas a duas datas de 1844. A Rocha 5 apresenta apenas a data de 1727, associada a um pequeno círculo e mais alguns pontos e traços sem nexos aparentes. Por fim, a Rocha 6 tem um cruciforme, associado a dois ou três pequenos círculos e alguns pontos e traços. Estas sete rochas apresentam pois um conjunto homogéneo de motivos, técnica e tematicamente, datável entre a primeira metade do século XVIII e meados do XX.

As figuras reticuladas modernas são relativamente frequentes na região e também na Foz do Côa, sendo prováveis jogos, diversas variantes do jogo do galo, ainda que com a peculiaridade de estarem em posição vertical. Quanto a representações zoomórficas, são poucas e de escasso interesse, destacando-se apenas duas figuras de pomba associadas a uma custódia na Rocha 16.

Um pequeno mas curioso conjunto de motivos representa diversos meios de transporte modernos, nos quais se incluem a locomotiva, a avioneta e o barco rabelo acima referidos. Para além destes, há várias representações de barcos, destacando-se o grande veleiro da Rocha 157, com quilha, mastro e até bandeira, e o conjunto de pequenas representações da Rocha 99. Realce-se também a ingénua e singela figura de foguetão na Rocha 19 e o automóvel da Rocha 100, um modelo dos anos 30 ou 40, desajeitadamente esboçado mas com grande detalhe.

Neste particular conjunto de motivos os directamente datáveis são todos do século XX. Os restantes são as figuras de barcos, incluindo o rabelo, cuja cronologia é mais indefinida. No entanto, tendo em conta que se trata essencialmente de barcos à vela, que não integram o lote de embarcações tradicionais da região, também estes poderão datar do século passado. Por outro lado, salienta-se a ausência de representações dos meios de transporte típicos e tradicionais da região, o carro de bois, o simples burro ou macho, ou os pequenos barcos a remos. Ou seja, estes motivos parecem um indicativo da lenta chegada da modernidade ao longo do século XX, e talvez traduzam também um certo desejo escapista das populações rurais do interior, desejo esse que irá resultar nas vagas de imigração da segunda metade do século, o que foi aliás concretizado por um dos gravadores da Foz do Côa, o aprendiz de moleiro Alcino Tomé (García Díez e Luís, 2003).

Foram registados trinta e um cruciformes na Foz do Côa em dez rochas, sendo o motivo mais abundante na época moderna. Para além da custódia picotada da Rocha 1, destaca-se uma outra na Rocha 16, associada à data de 1976 e a duas figuras de pomba, o grande conjunto de cruces simples da Rocha 14, as duas curiosas figuras da Rocha 174, talvez semelhantes aos pendões e estandartes utilizados em procissões, ou representações muito estilizadas do Calvário. Por fim, na Rocha 137, duas curiosas representações de Cristo crucificado, um de uma forma estilizada e o outro com uma figura humana mais explícita.

Quanto aos antropomorfos modernos, eles são em número reduzido. Entre os picotados

encontram-se na Rocha 2 uma figura de sereia e uma carantonha, que poderá ser um auto-retrato do gravador José Alcino Tomé, e na Rocha 3 a figura de um homem num barco rabelo, presumivelmente o próprio “José do Nascimento Freixeiro” da assinatura associada. Relativamente aos filiformes, realce para uma figura na Rocha 31, com alguns detalhes incomuns, entre os quais o ter o corpo preenchido por raspagem, e também o facto de ter uma cabeça de pássaro, sendo assim uma figura híbrida. Por fim, os antropomorfos das Rochas 130 e 142, que deverão ser relativamente antigos, datáveis talvez de entre os séculos XVI-XVIII. Na Rocha 130 é uma figura humana vista de frente, aparentemente masculina, com o corpo e os traços faciais apenas esboçados, e a cabeça atravessada por um comprido traço horizontal na zona da testa, que sugere a existência de um chapéu de abas. Bastante interessante é o humano da Rocha 142, mais claramente uma figura masculina. O corpo é representado por um trapézio, mais largo nos ombros e estreitando para a cintura, na qual parece haver a representação de um cinto. No peito encontra-se uma pequena cruz, e a partir da cintura abre-se um novo trapézio, simétrico ao anterior, representando uma vestimenta tipo “saiote”. Na cabeça ostenta o que se poderá interpretar como um capacete ou elmo. O aspecto geral da figura, o seu vestuário e o possível capacete fazem lembrar uma personagem trajada à oriental, mas com uma quase certa origem ocidental, devido à cruz no peito, podendo talvez este motivo estar de alguma forma ligado à expansão portuguesa. Tem paralelos nas figuras da Rocha 17 da Ribeira de Piscos, estilisticamente muito diferentes mas que também representam personagens “orientalizantes” (Baptista, 1999: 182).

3. A Idade do Ferro

Foram identificadas sessenta e seis rochas com filiformes da Idade do Ferro na Foz do Côa. Numa primeira e muito incompleta contagem, os seus motivos superam largamente as duas centenas, integrando-se maioritariamente em quatro grandes grupos tipológicos: geométricos, armas, zoomorfos e antropomorfos, a que se podem acrescentar alguns escassos motivos isolados que não integram estas categorias tipológicas particulares. Esta é a distinção tipológica essencial que se repete em todos os conjuntos da Idade do Ferro do Vale do Côa, e que foi desde logo assinalada para o Vale da Casa (Baptista, 1983: 59), havendo neste caso ainda mais um tipo, o das gravuras alfabéticas, representada unicamente pela inscrição da Rocha 23 (Baptista, 1999: 180-181).

Como é evidente, os motivos da Idade do Ferro estão em geral muito menos patinados que os paleolíticos, tendo frequentemente um traço bastante fresco, normalmente pouco cuidado e preciso ainda que vigoroso. Os motivos distinguem-se bem uns dos outros, com poucas sobreposições e são em geral bem delineados.

Estes factores levam a que nesta fase preliminar se tenham identificado mais motivos proto-históricos do que paleolíticos, apesar de haver mais rochas paleolíticas e a quantidade de motivos paleolíticos por rocha ser tendencialmente superior à dos da Idade do Ferro. No entanto, esta maior facilidade na individualização dos diferentes motivos nem sempre se traduz em maior facilidade na sua correcta interpretação. A maioria dos motivos paleolíticos são desenhados com grande detalhe e um certo naturalismo, ao contrário do desenho muito esquematizado da generalidade dos temas proto-históricos. Assim, por vezes o esquematismo de alguns motivos da Idade do Ferro torna-os de difícil individualização e caracterização como é o caso de alguns quadrúpedes e até de armas, onde a falta de detalhe e rigor das representações torna quase impossível a sua atribuição tipológica precisa.

Uma pequena mas importante classe de motivos na Idade do Ferro da Foz do Côa são os meandros serpentiformes, representados pelo menos por treze exemplares em dez rochas, sendo no âmbito da Arte do Côa quase exclusivos deste núcleo. O típico meandro

serpentiforme é formado por duas linhas curvilíneas em meandros paralelos, separadas por um pequeno intervalo, fechando nas extremidades de forma simples e ovalada. A impressão geral que fornecem é a de um longo corpo serpentiforme. O melhor conjunto destes meandros encontra-se na Rocha 80, onde há pelo menos três, bastante longos e perfeitos, entrelaçando-se uns nos outros. Mas há dois exemplares particularmente interessantes, que reforçam a hipótese de que estes motivos poderão objectivamente representar serpentes, integrando assim a classe dos motivos zoomórficos. O primeiro encontra-se na Rocha 93, sendo uma figura algo distinta das restantes, pois tem um longo corpo horizontal, mais largo na parte posterior e estreitando progressivamente para a cabeça. Esta, ao contrário das restantes, é representada explicitamente com uma rasgada boca ameaçadoramente aberta. Embora a figura seja pouco visível, não parece neste caso haver grandes dúvidas que se trata de uma figura de serpente. O segundo exemplar está na Rocha 139, à margem do mais importante conjunto de motivos deste painel, e parece ser um típico meandro serpentiforme, com a diferença de neste caso apresentar duas pequenas “orelhas”. Claro que as serpentes não têm orelhas, mas a víbora-cornuda (*Vipera latastei*), por exemplo, tem um pequeno “corno” no alto da cabeça e este é um dos poucos casos em que a terminação do meandro duplo forma explicitamente uma cabeça, a qual é semelhante à das serpentes e distinta das cabeças dos restantes animais que encontramos na Foz do Côa.

Os geométricos são a segunda categoria mais representada na Foz do Côa, logo a seguir aos equídeos, e superando estes na sua distribuição pelas diferentes rochas, estando presentes em pelo menos trinta e seis das sessenta e seis rochas da Idade do Ferro. No entanto, são poucas as rochas em que os motivos geométricos sejam exclusivos, e raramente merecem destaque na composição geral do painel, sendo frequentemente utilizados para enquadrar motivos ou composições mais importantes. Assim, a cena de caça da Rocha 177 está rodeada por diversos motivos geométricos, geralmente pequenos e pouco vistosos, o mesmo sucedendo na Rocha 44 onde perdem claramente na comparação com os motivos zoomórficos. O cavaleiro e restantes cavalos da Rocha 139 são ladeados por um pouco visível motivo geométrico, na periferia da composição, o mesmo sucedendo com a possível cena de combate da Rocha 153. A utilização destes motivos poderá dever-se aos seus simbolismos particulares, servindo para enquadrar e conferir significados às cenas e composições principais, podendo também ser adições mais tardias a estas composições, o que explicaria o seu enquadramento periférico e estaria de acordo com a cronologia tardia destes motivos no faseamento da Rocha 10 do Vale da Casa.

Dentro da categoria genérica de geométrico cabe uma ampla panóplia de motivos, havendo em geral um escasso número de exemplares dentro de cada tipo específico. Entre as tipologias mais conhecidas, destacam-se os reticulados, claramente os mais abundantes, alguns escalariformes, espirais e círculos raiados. Há também linhas em ziguezague, e diversos motivos de formas mais ou menos complexas mas baseadas em linhas geométricas simples, como o triângulo ou o trapézio.

Raramente se podem atribuir significados específicos a estes motivos, com uma possível excepção na Rocha 93. Trata-se um motivo de linhas geometricamente simples, em forma de cadeira (em toda a Arte do Côa há apenas um único paralelo para este motivo, na Rocha 5 dos Moinhos de Cima) e está neste caso directamente associado a uma impressionante figura de guerreiro, sendo possível que represente efectivamente uma cadeira, ou trono (?).

Um tipo importante de geométricos são os motivos escutiformes com decorações internas em bandas paralelas, com semelhanças em algumas decorações cerâmicas da Idade do Ferro. Encontram-se apenas três exemplares, nas Rochas 44, 161 e 181, sendo este último em particular paralelizável com um dos motivos escutiformes da Rocha 10 do Vale da Casa, que

se integra nas últimas fases de gravação desta rocha (Baptista, 1983: 67), e tendo também paralelos nas cerâmicas ibéricas pintadas (cf., por ex., Maestro Zaldivar, 1989: 188, 258, figs. 53-a, 91-a). As cronologias atribuídas a estas cerâmicas são tardias, na transição da Idade do Ferro para a romanização, sendo assim mais um factor para considerar uma datação tardia para este tipo de motivos no Côa.

Por vezes os geométricos são utilizados em conjugação com outros motivos, formando temas compostos e complexos, com vários e interessantes exemplos na Foz do Côa. Assim, na Rocha 53 uma pequena espiral ocupa o lugar do sexo de um dos cavalos deste painel. Na Rocha 139 há uma figura de cavaleiro tendo na garupa da montada um pequeno círculo raiado, com paralelos evidentes no magnífico cavalo da Rocha 6 do Vale do Forno. Na Rocha 152, uma elegante figura de cavalo aparece quase integralmente rodeada e encerrada dentro de uma linha com acentuados meandros. E na Rocha 161, um excelente exemplo da arte proto-histórica do Côa, uma figura humana funde-se com diferentes grupos geométricos numa composição de belo efeito estético.

De todas as rochas com geométricos da Foz do Côa, a mais importante é a 181, claramente diferente das restantes, com excelentes e variados temas geométricos e a única em que estes formam o conjunto mais relevante. Estilisticamente, tem afinidades com os motivos da Rocha 161, sendo provavelmente das fases tardias da Idade do Ferro deste núcleo.

As representações de armas proto-históricas na Foz do Côa são relativamente abundantes, tendo-se contabilizado pelo menos trinta e duas divididas por dezassete rochas, ainda que a interpretação de alguns destes motivos seja duvidosa. Identificam-se quatro categorias diferentes de armas: lanças, punhais, escudos e falcatas (ou facas afalcadas), estando em vários casos associadas directamente a figuras de guerreiros ou cavaleiros, ainda que seja mais frequente aparecerem isoladamente.

De momento não consideramos a existência de capacetes ou outros elementos de armamento defensivo, embora haja um ou outro caso duvidoso. Por exemplo, o cavaleiro da Rocha 16 tem uma “excrecência” sobre a cabeça que poderia ser um capacete. Da mesma forma, a linha pontiaguda da cabeça de um dos guerreiros da Rocha 177 poderia ter o mesmo significado, mas a falta de detalhe de todas estas representações inviabiliza uma identificação segura. E apenas se identificam dois possíveis escudos na Rocha 177, que se encontram na mão das duas figuras de guerreiros que integram a cena de caça ao veado. No entanto, em ambos os casos esta interpretação não é muito clara.

Assinalam-se quatro figuras de punhais em duas rochas, ainda que duas destas figuras sejam de interpretação duvidosa. Mas os dois punhais da Rocha 150 são inequivocamente identificáveis como tal, sendo representados como se estivessem embainhados e com tal detalhe que lhes podemos apontar uma tipologia específica, algo extremamente raro nas armas do Côa. Pertencem à categoria dos punhais de duplo globular, ou biglobulares (Quesada Sanz, 1997: 282-284). É uma arma tipicamente mesetenha e celtibérica, com numerosos exemplares conhecidos na cultura material e de ampla distribuição na Península. O maior grupo de exemplares encontrados é de Numância, e dos castros da Meseta Oriental, no Alto Douro espanhol. Têm uma cronologia tardia, entre meados do século III e o século I a.C., e é considerada a arma mais característica e frequente do mundo celtibérico na altura das lutas contra os exércitos romanos (Quesada Sanz, 1997: 292-295, 302-305).

Quanto a falcatas, identificam-se pelo menos sete motivos que podem integrar esta categoria, mas poucos se enquadram na tipologia clássica da falcata, sendo em geral representações pouco detalhadas, razão pela qual fazemos a distinção entre falcata e arma afalcada, sendo a última um tipo de representação laminar com algum tipo de curvatura ou ângulo na lâmina. Na Rocha 148 encontra-se a mais perfeita falcata da Foz do Côa, representada sem punho,

como a maioria das outras figuras, e aparentemente embainhada, de forma similar à da Rocha 6 do Vale da Casa (Baptista, 1983: 64). Na Rocha 145 encontra-se a única figura que, sem grandes dúvidas, se pode considerar uma faca afalcatada, associada a uma outra falcata mais clássica, com o punho figurado.

A cronologia das falcatas é balizada de uma forma geral entre os séculos V e I a.C., recuando talvez ao século VI e sobrevivendo ocasionalmente até princípios da era cristã. Mas torna-se particularmente significativa a sua distribuição geográfica de acordo com a sua cronologia. Assim, as falcatas cuja cronologia se situa entre 450 e 250 a.C. encontram-se na sua esmagadora maioria numa zona relativamente restrita da costa mediterrânica, abrangendo parte das costas levantina e andaluza, o que parece claramente ser a sua zona de origem dentro da Península Ibérica. Mas a distribuição das falcatas com cronologias entre 250 e 50 a.C. é totalmente diferente, mantendo-se a importância da pretensa zona original, mas expandindo-se agora pelo interior da Península, com relevo para a área lusitana, com exemplares em plena Meseta castelhana e na área celtibérica, já no Alto Douro espanhol (Quesada Sanz, 1997: 76-83). Esta distribuição particular, que assinala uma clara expansão das falcatas a partir de finais do século III a.C., é um bom argumento para considerar que as representações de falcatas no Côa serão tardias, já da fase final da II Idade do Ferro, o que está aliás de acordo com a estratigrafia figurativa da Rocha 10 do Vale da Casa, em que precisamente as quatro grandes falcatas do conjunto são gravadas na fase final da decoração do painel, sobrepondo-se a todos os restantes motivos (Baptista, 1983: 67-68; *idem*, 1999: 174-175).

Finalmente, quanto às lanças e/ou dardos, identificam-se doze rochas com dezanove destas armas, doze das quais se encontram directamente associadas a figuras de guerreiros ou cavaleiros. Não se faz aqui uma clara separação entre dardo e lança porque a sua distinção iconográfica é problemática, dada a simplificação e padronização das representações, sendo também muito difícil elaborar a tipologia das suas pontas. Isto seria interessante, porque há diferenças históricas, culturais e funcionais significativas entre a lança, entendida como uma arma comprida e pesada, criada para combate individual corpo a corpo, e o dardo, mais pequeno e leve, próprio para ser arremessado. A evolução da panóplia armamentista ibérica durante a II Idade do Ferro mostra-nos uma fase inicial, no século V a.C., em que os combates seriam dominados pelos confrontos individuais entre a elite guerreira, ao melhor estilo homérico, e em que a lança seria a arma de combate por excelência; a fase seguinte, do século IV ao final do século III a.C., assistiria ao predomínio da luta em formações ordenadas, mantendo-se o domínio da lança sobre as restantes armas, mas com tendência para aligeirar o conjunto do armamento, e a fase final, a partir das guerras púnicas, veria o domínio das formações ligeiras, com o surgimento da cavalaria ligeira, o predomínio dos dardos sobre as lanças, e a preponderância da falcata e armas similares (Quesada Sanz, 1997: 652-663). Observando as diversas lanças ou dardos da Foz do Côa, vemos que a grande maioria das pontas são largas e com nervura central, distinguindo-se formas ovais e em losango, mas as indefinições das representações não nos permitem ir muito mais além. Uma das excepções está na Rocha 11, parecendo tratar-se da representação de uma larga haste com uma pequena ponta com aletas ou barbelas, o que poderia corresponder a um *pilum*, um dardo pesado com pequena ponta, conhecidos na Península desde o século V a.C., sem que seja possível precisar melhor a sua cronologia dentro da II Idade do Ferro (Quesada Sanz, 1997: 325-326, 330).

A Rocha 44 guarda uma figura de guerreiro, visualizada de frente e segurando uma enorme lança, com uma postura semelhante à dos dois guerreiros da Rocha 93. Nestes casos, poderão ser representações de pesadas lanças de combate individual, talvez integráveis na

fase inicial da evolução da armaria ibérica. Nas Rochas 139 e 153 são empunhadas por cavaleiros, sendo provável que aqui sejam representações de dardos, talvez de cronologias mais tardias. A identificação como dardos parece mais segura para as várias armas de arremesso da Rocha 177, uma vez que integram uma inequívoca cena de caça ao veado. Na Rocha 163 há um caso interessante, não pela tipologia da lança, que não difere substancialmente das outras, mas por esta estar dobrada. O ângulo a meio da haste é demasiado pronunciado para resultar apenas da imperícia do gravador, pelo que deverá ser intencional. São conhecidos casos de inutilização ritual de armas em sepulturas de guerreiros, e encontraram-se lanças todas de ferro, as *soliferrea*, intencionalmente dobradas e inutilizadas, por vezes de forma similar à aqui registada (Quesada Sanz, 1997: 325). O potencial ar funerário desta cena é ainda reforçado pelo facto da lança estar ao lado de uma hipotética figura de punhal, que poderia assim completar um eventual espólio funerário de um qualquer guerreiro, talvez um dos cavaleiros representados logo por baixo destas duas figuras. As figuras zoomórficas dominam quantitativamente sobre todos os outros tipos de motivos, mas a variedade de espécies animais representadas não é grande. Não há figurações de peixes ou aves. Quanto aos quadrúpedes, dominam os equídeos e os cervídeos, com representações episódicas de canídeos e bóvidos, para além de algumas figuras estranhas e/ou indeterminadas.

As figuras de bóvidos da Idade do Ferro são muito raras na Arte do Côa e apenas assinalamos duas na Foz do Côa, em ambos os casos não inteiramente claras. A primeira encontra-se na Rocha 23, submersa num caos de traços sobrepostos, na periferia dos quais se parece distinguir uma grande cabeça de touro com dois cornos. A segunda encontra-se na Rocha 177, e poderia eventualmente tratar-se de um cavalo. No entanto, a forma particular da cabeça e o aspecto pesado e maciço do corpo, pouco habitual nas representações típicas dos equídeos da Idade do Ferro, faz-nos pensar que se tratará efectivamente de um bóvido, não sabemos se um boi doméstico ou um auroque selvagem.

Os canídeos são mais abundantes, mas também por vezes facilmente confundíveis com figuras de cavalos. Assim acontece com as duas representações da Rocha 112, e também com dois elegantes quadrúpedes da Rocha 93. Já na Rocha 88 surgem seis figuras zoomórficas, em que pelo menos três parecem nitidamente canídeos, concentrados num pequeno grupo coeso. Na Rocha 122 há uma outra figura que, pela forma da cabeça, parece um cão ou um lobo. Por fim, na Rocha 153 temos o que parece um canídeo, igualmente numa postura feroz, apropriadamente associado ao que interpretamos como uma cena de luta.

Os cervídeos da Idade do Ferro são raros mas importantes, sendo em geral bem reconhecíveis pela armação. O veado da Rocha 181 identifica-se unicamente pela armação, pois o corpo é quase indistinguível. Os veados das Rochas 7 e 145, apesar das diferentes tipologias, são esquematizados de forma semelhante, à maneira da maioria dos veados da Idade do Ferro do Côa, com corpo longo, estreito e rectangular, pequena cauda em coto, e uma armação bem visível. Já o veado da cena de caça da Rocha 177 é algo diferente, com um corpo curvilíneo muito semelhante ao dos cavalos, com uma cauda em pequeno coto e uma longa armação. Mais problemática é a caracterização de uma outra figura da mesma rocha, que em muitos dos seus detalhes parece um cavalo, mas que tem uma pequena cauda bem distinta das longas caudas típicas dos cavalos da Idade do Ferro, e tem também uma lança a atravessar-lhe o corpo. Poderia ser assim uma rara representação de fêmea de veado.

Os equídeos são claramente os motivos zoomórficos mais frequentes, tendo-se identificado pelo menos setenta e oito figuras, com mais oito a servir de montadas a cavaleiros, divididos por trinta e quatro rochas, mais de metade do total. Algumas destas figuras são duvidosas, podendo eventualmente vir a ser reclassificadas quando se fizerem os levantamentos deste

núcleo, mas muitos dos numerosos quadrúpedes indeterminados serão talvez figuras de cavalos, pelo que o seu número total deverá ainda crescer mais. Este grande número de motivos, junto com a sua diversidade tipológica e a variedade de situações em que surgem representados torna os cavalos um dos melhores meios para se estudar a evolução estilística e cronológica da arte da Idade do Ferro do Côa e da Foz do Côa em particular.

A maioria destas figuras são semelhantes às que se encontram um pouco por todo o Baixo Côa, com uma única excepção, uma peculiar tipologia de cavalo com terminação da cabeça em forma de tromba, que para já está restringida à Foz do Côa e de que apenas identificámos 4 exemplares, nas Rochas 92 e 67. São figuras facilmente reconhecíveis, com longas patas verticais, ventres em acentuada curvatura e sobretudo um peculiar focinho com terminação muito alongada. Destaque-se ainda a figura da Rocha 67 pelo seu ineditismo, pois é a representação de uma égua grávida, com a cria figurada no interior do ventre. O reduzido número de exemplares na Foz do Côa e a sua aparente ausência noutros núcleos parece indicar que esta terá sido uma variante tipológica que não fez escola, sendo possível que todos estes exemplares sejam obra de um mesmo autor.

A maioria dos equídeos da Foz do Côa tem uma concepção distinta das típicas figuras com a parte posterior em forma de ferradura do Vale da Casa (Baptista, 1983: 61), mas também ali se encontram alguns raros exemplos com este formalismo, embora em geral menos perfeitos, nomeadamente em algumas figuras das Rochas 95, 128 e 148. Outro aspecto interessante do Vale da Casa (em especial na Rocha 10) é o aparecimento de representações incompletas de cavalos, reduzidas em casos extremos à simples representação da linha cérvico-dorsal (Baptista, 1983: 60-61), pertencentes já às fases mais tardias. Ainda que com características ligeiramente diferentes, existem também alguns destes exemplos na Foz do Côa, nomeadamente nas Rochas 20 e 104, com dois cavalos representados unicamente por uma longa e sinuosa linha da parte superior do corpo.

Há um número significativo de figuras antropomórficas na Foz do Côa, pelo menos vinte e uma em doze rochas, divididas em três grupos diferentes: guerreiros, cavaleiros e “orantes”. Existem também algumas figuras de categoria indeterminada, que no entanto (quando se proceder ao seu levantamento) poderão encaixar-se nas categorias definidas anteriormente, particularmente na dos guerreiros. A excepção será a figura da Rocha 161, que foge ao padrão habitual de representação destes motivos. Está posicionada de frente, não parece ter armas, tem o braço esquerdo levantado na horizontal e o direito arqueado para baixo, tocando a anca. O corpo é longo e estreito, alargando ligeiramente até à cintura, onde se abre subitamente com duas linhas oblíquas para cada lado, em forma de “V” invertido, estando decorado integralmente com linhas em reticulado. Ou seja, poderemos estar em presença de uma longa vestimenta, que cobre a personagem de alto a baixo. A reforçar esta impressão está o facto de não se representarem as pernas, mas apenas os pés, que saem da parte central da hipotética vestimenta. A aparência geral deste motivo lembra irresistivelmente uma figura feminina, pela vestimenta e a sua bela decoração, e também pela postura de mão na anca, inédita no Côa. No entanto, não existem outros atributos femininos evidentes e a representação feminina é muito rara na arte rupestre da Idade do Ferro. A postura de mão na anca tem paralelo numa figura de guerreiro na Rocha 3 de Mocissos, no Guadiana (monografia do sítio e das restantes estações de arte rupestre do Alqueva está em curso de publicação pela EDIA), sendo conhecidas nas cerâmicas pintadas ibéricas diversas personagens, tanto femininas como masculinas, envergando vestimentas semelhantes (cf., por exemplo, Maestro Zaldivar, 1989: figs. 18, 52).

Os orantes são uma categoria muito particular de representações antropomórficas da Idade do Ferro, designando-se assim as figuras colocadas em pé, sem armas, vistas de frente e com

os braços abertos ao alto, como que em oração ou em oferenda. Esta designação pode ser enganosa na atribuição de significados a estas figuras, pois a maioria dos guerreiros e cavaleiros do Côa assumem uma postura corporal semelhante, aparecendo também na iconografia das cerâmicas ibéricas pintadas (cf. Maestro Zaldivar, 1989), em contextos diversos, mas frequentemente de carácter guerreiro. Assim, uma interpretação possível para estas figuras, pelo menos em alguns casos, é que se trata simplesmente de guerreiros sem armas. Na Foz do Côa identificámos duas destas figuras, nas Rochas 104 e 42. A primeira está muito esquematizada, associada indirectamente a cavalos e uma possível lança. Na Rocha 42 surge um caso mais complexo e interessante. A figura está isolada no centro do painel, sem qualquer associação à habitual panóplia típica dos guerreiros. A cabeça é grande, figurada em perspectiva lateral, com uma pronunciada e habitual forma de bico de pássaro. O corpo está em visão frontal, é largo e espadaúdo, com o pescoço e os ombros bem marcados e os braços dispostos em “V”, os antebraços colocados na vertical junto ao corpo e os braços, bastante mais estreitos, abertos para cima e para os lados, terminando sem mãos. O corpo é recto, na vertical, mas junto à cintura inflecte para a direita, terminando numa fractura do painel. Esta lascagem da rocha já devia existir quando o motivo foi inciso, pelo que não foi propositadamente gravado da cintura para baixo, antes eventualmente figurado como um personagem que esteja a sair do interior da rocha.

Os cavaleiros são também em bom número. Na Rocha 163 há dois pequeníssimos cavaleiros, incisos de forma muito esquemática, um deles aparentemente sem armas e o outro segurando um objecto estranho (arma não identificada ?) quase tão grande quanto ele. Na Rocha 16 surge uma figura de cavaleiro com capacete (?), embora não pareça segurar outras armas, com a particularidade de estar voltado para a traseira do cavalo. Dos restantes quatro cavaleiros, dois encontram-se na Rocha 177, um na Rocha 139 e o último na Rocha 153. São figuras muito semelhantes, todas brandindo lanças ou dardos em posturas similares e integrando cenas narrativas.

São mais raras as figuras de guerreiros na Foz do Côa, tendo-se identificado dois na Rocha 177, onde integram a cena de caça ao veado. Na Rocha 44 está outro, rodeado de numerosos cavalos e motivos geométricos, figurado de frente, pernas arqueadas e braços abertos, segurando na mão direita e na vertical uma lança com uma ponta enorme. Na Rocha 93 encontram-se mais dois, com uma postura similar ao anterior, segurando compridas lanças. As duas figuras são estilisticamente semelhantes, tendo provavelmente sido desenhadas pela mesma mão. A inferior, ictifálica, segura duas lanças, uma em cada mão, e tem o corpo decorado internamente com múltiplas linhas, dando a impressão de ter algum tipo de vestimenta. Esta iconografia conduz-nos para a bem conhecida Rocha 3 da Vermelhosa, com a cena de combate entre dois guerreiros também ictifálicos (Baptista, 1999: 167). Aqui, as figuras estão igualmente em pé e a sua iconografia é tipicamente homérica e heróica. A cena está perspectivada, com o guerreiro maior em primeiro plano. Este tem o seu cavalo (símbolo de poder) preso à cintura e pode paralelizar-se com uma das esculturas do famoso conjunto de Porcuna, na Andaluzia, datável do século V a.C., em que uma imponente figura de guerreiro, segurando as rédeas do cavalo com uma das mãos, trespassa com a comprida e pesada lança um inimigo a seus pés (cf. Negueruela Martinez, 1990; Quesada Sanz, 1997: 410, 938). Por outro lado, três das quatro lanças representadas nesta cena apresentam uma segunda ponta, do lado da haste oposto ao sentido de arremessamento, de características similares à ponta principal, mas sempre mais pequena. Tudo indica que estas segundas pontas são a representação de contos, bem documentados no mundo ibérico e celtibérico, particularmente nas suas fases mais arcaicas, tendo origem no Bronze Final ou I Idade do Ferro, e prosseguindo até à fase inicial da II Idade do Ferro, estando ligado às grandes lanças

de combate individual. Os dardos de arremesso não têm esses contos, dado que são funcionalmente inúteis, e são sempre mais pequenos do que a ponta de lança original (Quesada Sanz, 1997: 427-431). Assim, há aqui vários aspectos que podem remeter-nos para uma cronologia mais antiga, provavelmente dos inícios da Idade do Ferro e, por analogia, pode apontar-se uma cronologia semelhante para os guerreiros da Rocha 93, e talvez também para o da Rocha 44.

Quanto à ordenação dos motivos proto-históricos nos painéis, se em muitas rochas é evidente a existência de várias fases de gravação, noutras há evidentes cenas ou composições de carácter narrativo, real ou mitológico. Realçaremos para já alguns dos casos mais interessantes.

Na Rocha 181 distinguem-se duas fases de gravação da Idade do Ferro, a primeira com traços muito ténues e indistintos, de difícil interpretação, sobrepostos por um notável conjunto de motivos, figurando alguns quadrúpedes e motivos geométricos, cujo estilo, tipo de traço, e distribuição ordenada no painel, sem sobreposições, aparentam ser uma composição. Das principais rochas da Foz do Côa é a única que não tem motivos antropomórficos.

A Rocha 139 tem um conjunto de motivos em aparente sentido compositivo, pois para além da sua ordenação e similitude estilística, estão todos encerrados numa cartela semicircular. A falta de um elemento evidente de acção leva-nos a considerar o conjunto como uma cena de provável carácter comemorativo. Vemos três cavalos e um ou outro motivo geométrico rodeando um cavaleiro, empunhando uma lança e tendo outra à cintura, segurando pelas rédeas o seu cavalo que apresenta um círculo raiado na garupa e tem a crina e o sexo representados, o que é raro nos equídeos.

A Rocha 177 guarda uma cena de caça ao veado, protagonizada por dois cavaleiros e dois guerreiros, todos brandindo dardos, perseguindo um veado e talvez também uma cerva, ambos já com dardos atravessados no corpo. Os caçadores estão em sequência, com um dos cavaleiros logo atrás do veado, tendo atrás e para cima os dois guerreiros, colocados lado a lado, e ainda mais para trás o segundo cavaleiro. Todo este conjunto é enquadrado por vários motivos geométricos. As duas figuras de guerreiros são estilisticamente diferentes das restantes, com um traço distinto e muito mais desgastado, sendo possível que já existissem quando as restantes figuras foram feitas, tendo sido então enquadradas na cena, o que poderia também explicar porque razão empunham escudos, cuja funcionalidade numa caçada é inexistente.

A Rocha 153 tem o que pode considerar-se uma hipotética cena de combate. A cena está enquadrada por outros motivos, entre os quais uma figura de canídeo em postura feroz. A cena de luta é encimada por um cavaleiro com cabeça de pássaro, vitorioso, segurando as rédeas numa mão e brandindo uma lança na outra, tendo por debaixo uma outra figura humana, deitada e desarmada, de braços para o alto, aparentemente em posição de vencido, talvez mesmo morto. Um paralelo para esta cena pode encontrar-se numa estela funerária de El Palao de Alcañiz, no Baixo Aragão, datável já dos princípios da romanização, com uma cena em tudo semelhante (Quesada Sanz, 1997: 412-413, 940). Recentemente identificou-se uma nova rocha sobre o Douro, a n.º 38 da Bulha, entre a Vermelhosa e Vale de Cabrões, com uma cena também semelhante, figurando cinco antropomorfos, três dos quais empunhando lanças e combatendo entre si, e os restantes dois jazendo mortos, representados desarmados e de cabeças para baixo.

Por fim, a Rocha 93, cujos guerreiros se associam na zona central do enorme painel a um conjunto de motivos, alguns de difícil visibilidade (a rocha não foi ainda limpa), mas onde se distinguem a figura em forma de serpente e de boca escancarada que já foi referida, uma figura de cavalo tombado, de pernas para o ar, associado ao primeiro dos guerreiros e o

geométrico em forma de cadeira, ao lado da segunda e mais impressiva figura de cavaleiro. A pose heróica dos dois guerreiros, o motivo em forma de cadeira ou trono, o estranho cavalo e a impressionante figura de serpente, a lembrar as criaturas monstruosas tão frequentes nas mitologias antigas, fazem-nos pensar que este conjunto de motivos não só formam uma composição mas também uma cena de evidente carácter mitológico.

4. O Paleolítico superior

Na Foz do Côa inventariámos 83 rochas com gravuras paleolíticas, até ao momento a maior concentração de rochas historiadas deste período no Vale do Côa, número que deverá ser aumentado com as rochas eventualmente gravadas que neste núcleo estarão ainda permanentemente submersas.

Nesta primeira observação dos painéis, antes ainda de qualquer levantamento em desenho e fotografia, individualizamos pouco mais que duas centenas de motivos, mas o elevado grau de desgaste dos traços, as deficientes e difíceis condições de observação, as muitas sobreposições e dificuldades próprias das incisões filiformes, asseguram-nos que existe uma ampla quantidade de motivos ainda por decodificar, devendo o seu número total ascender a várias centenas.

De uma maneira geral, os motivos paleolíticos deste núcleo inserem-se no panorama habitual da gramática figurativa típica do Vale do Côa: para além de poucos sinais, são essencialmente figuras de quadrúpedes, divididos pelas quatro grandes categorias reconhecidas no Côa, cervídeos, equídeos, capríneos e auroques, registando-se também algumas possíveis representações de pisciformes. Todos estes motivos são filiformes, com a única excepção do cervídeo raspado da Rocha 10, mas assume grande relevância a distinção das suas técnicas de execução, entre a representação por traço simples ou múltiplo. Deve realçar-se desde logo a ausência absoluta de gravuras obtidas por picotagem, o que é bastante significativo.

As representações de humanos são raras na arte paleolítica de ar livre, e na Foz do Côa não foram para já reconhecidas. Na Arte do Côa até ao momento foram apenas identificadas nas Rochas 2 e 24 de Piscos e na Rocha 8 do Fariseu. Há, no entanto, duas situações dúbias na Foz do Côa, em que os motivos em causa não sendo claramente figuras humanas, carregam porém uma certa ambiguidade, talvez intencional, lembrando em certa medida a silhueta humana, como acontece em alguns dos motivos da citada Rocha 24 de Piscos.

Um destes casos está na Rocha 170, com um pequeno motivo pisciforme, disposto quase na vertical, com um pequeno corpo ovalado, esguio e comprido, preenchido por diversos traços verticais. Da extremidade inferior saem dois longos traços rectilíneos, ligeiramente divergentes para o exterior, que poderiam corresponder a longas barbatanas caudais. Nada haveria de antropomórfico, não fosse a inclusão de um pequeno círculo na parte superior do corpo, a lembrar desde logo um tosco corpo humano, com cabeça, tronco e pernas. Este pequeno círculo é feito num traço algo diferente dos restantes e, até por não estar directamente conectado com o motivo, parece ter sido realizado numa altura diferente, muito provavelmente posterior, mas tecnicamente paleolítico. A ser assim, a sua inclusão poderá ser feita com a intenção de transformar um simples motivo pisciforme numa silhueta humana, até porque os círculos simples não existem na arte paleolítica do Côa, e a sua inclusão nesta localização tão particular dificilmente seria uma coincidência.

O outro caso encontra-se na Rocha 148. Trata-se de um conjunto de vários e pequenos meandros duplos, encadeados em sequência horizontal, formando o que parece uma série de silhuetas. São muito semelhantes a um tipo muito particular de motivos da arte paleolítica europeia, as representações em perfil de silhuetas femininas, cujo expoente máximo se encontra no sítio magdalenense de Gonnersdorf (Bosinski et al., 2001). Este tipo de figuras

são representações femininas em perfil, total ou levemente distorcido, bastante esquematizadas, por vezes com alguma especificação anatómica, seja a representação dos braços, seios, ventre ou nádegas, mais ocasionalmente dos pés ou da cabeça, sendo frequentemente salientadas as representações dos seios e parte traseira, esta quase sempre vista em perfil absoluto, com uma curvatura muito típica e inconfundível. Alguns dos melhores exemplos destes motivos são a famosa plaqueta 87 de Gonnersdorf (Bosinski et al., 2001: 87-91), as mulheres do Tecto dos Hieróglifos, na gruta de Pech-Merle (Duhard, 1993: 144-147), ou algumas das placas da gruta de Parpalló (Villaverde Bonilla, 1994: 213-214). Estes pequenos meandros da Rocha 148 obedecem a estes requisitos, nomeadamente a subtil mas sugestiva curvatura da parte posterior, mas a ausência de outros elementos anatómicos evidentes faz-nos hesitar na sua classificação como figuras humanas, sendo talvez mais prudente, para já, considerá-las simples meandros. No entanto, existem diversos motivos deste género na arte paleolítica europeia aos quais também faltam os atributos anatómicos mais evidentes mas que, por analogia, foram também consideradas figuras humanas (cf., por exemplo, Bosinski et al., 2001: 194-197, 301-303; Duhard, 1993: 111-115, 148-149), pelo que a interpretação destes motivos se encontra em aberto.

Os fusiformes são os sinais mais abundantes e com maior dispersão dentro da área deste núcleo. São essencialmente feixes de linhas, tendencialmente paralelas, e com alguma heterogeneidade de formas, sendo difíceis de estabelecer como grupo tipológico bem definido. As figuras em meandro são raras mas expressivas, como as referidas da Rocha 148. De um tipo diferente são os longos e acentuados meandros de um só traço, que podem atingir até 50 cms, como os que se encontram na Rocha 69 e, particularmente, na Rocha 14, onde formam um importante conjunto de motivos, colocados em zonas altas e quase inacessíveis do painel. Nesta rocha, associado a este conjunto, está um sinal triangular, formado por diversos conjuntos de duas linhas, convergentes num vértice, formando pequenos triângulos abertos, metidos sucessivamente uns dentro dos outros. Semelhante a este, mas bastante mais simples e pequeno, há um outro sinal triangular na Rocha 172, directamente associado a uma cerva de traço múltiplo. Por fim, assinalou-se um escalariforme na Rocha 159 e um interessante conjunto na Rocha 8, tendo todos em comum o facto de estarem na vertical, com dois traços quase paralelos, ligeiramente convergentes de baixo para cima, com o interior preenchido por vários traços horizontais paralelos.

A distinção de pisciformes e fusiformes não é fácil de fazer, uma vez que aqui ambos são formados por feixes de linhas, tendencialmente paralelas. No entanto, os pisciformes têm uma forma ovalada mais definida, estando normalmente delimitados por uma linha que encerra as restantes. Em alguns casos, poderão interpretar-se estas figuras como efectivas representações de peixes, particularmente quando surgem apêndices caudais ou dorsais, eventuais barbatanas. No Côa, as figuras de peixes paleolíticos são raras, citando-se as das Rocha 5 da Penascosa e 36 da Canada do Inferno como exemplares picotados (este último talvez já pós-glaciar), ou os exemplares filiformes das Rochas 10 da Penascosa e 14 da Canada do Inferno (Baptista, 1999: 70-73; Baptista e Gomes, 1997: 235, 252, 342, 357). Na Foz do Côa conhecemos nove figuras pisciformes, em cinco rochas, todas distribuídas muito perto da actual linha de água, o que é significativo tendo em conta que se trata de presumíveis representações de peixes, podendo indicar que haverá mais figuras na área presentemente submersa. Nas Rochas 62 e 114 temos as maiores figuras pisciformes do núcleo, a primeira parecendo ter cauda e barbatanas dorsais, a segunda lembrando um cetáceo. A Rocha 178 tem um grupo destes motivos, um dos quais deverá mesmo representar um pequeno peixe, de corpo oval estreito e barbatana caudal bifurcada.

Os capríneos serão a espécie menos representada da fauna figurada na Foz do Côa, apenas

com cinco exemplares identificados até ao momento. Algumas das figuras indeterminadas poderão vir no futuro a aumentar este número e, por outro lado, dado que são animais cuja morfologia tem muitas semelhanças com os cervídeos, é também provável que alguns dos motivos agora preliminarmente classificados como cervídeos possam ser, com uma melhor observação a partir dos levantamentos, reclassificados como capríneos.

Na Rocha 92 há uma interessante figura de capríneo em traço simples, com um amplo corpo e uma minúscula cabeça, aparentemente em perspectiva distorcida, como se estivesse a afastar-se do observador, algo semelhante a uma ou duas das figuras de capríneos da Rocha 4 de Vale de Cabrões (Baptista, 1999: 134-135).

Na Rocha 70 aparecem mais duas figuras de capríneos. Na primeira, de traço simples, adivinha-se uma cabeça com um longo corno em “S”, com paralelos na conhecida figura da Rocha 5 de Vale de Cabrões (Baptista, 1999: 130-131). A segunda figura é um belo animal em traço múltiplo, muito patinado e de difícil visualização, com a cabeça e o corpo semelhantes aos cervídeos de traço múltiplo, mas identificando-se como capríneo pela presença de dois grandes cornos, de acentuada curvatura. Estes são vistos em perfil e perspectiva, e não têm terminação em “S”, como é normal nas representações de cabras no Côa, e que as identificam como cabras pirenaicas (*capra pyrenaica*), também conhecida como cabra montês ibérica. A representação dos cornos deste exemplar, curtos e em curva única, levanta duas hipóteses: poderá ser um juvenil de cabra pirenaica, em que os cornos não atingiram ainda a terminação em contracurva formando o característico “S”, ou poderá ser um exemplar da espécie *capra ibex*, ou cabra montês dos Alpes. Tem algumas semelhanças com o capríneo da Rocha 6 de Vale de Cabrões (Baptista, 1999: 132-133).

Os auroques são ligeiramente mais numerosos, com oito exemplares em seis rochas sendo, das espécies faunísticas da Foz do Côa, a única em que não assinalamos nenhum exemplar delineado a traço múltiplo. Na Rocha 148 há duas representações, muito diferentes uma da outra, sendo uma um pequeno prótomo, com uma cabeça longa e dois cornos projectados em perspectiva semi-frontal. O outro tem uma tipologia pouco comum no Côa, particularmente pela cabeça em perfil semi-torcido, mas com os cornos figurados em perfil frontal, com as pontas quase se tocando nas extremidades, formando um semicírculo.

Nas Rochas 69 e 157 há mais duas figuras de auroques, ambos de grandes dimensões, podendo atingir 1 m de comprimento, tanto mais extraordinário quanto são delineadas em traço filiforme simples, o que as torna de muito difícil visualização. Em ambos os casos serão figuras completas. É no entanto pelas cabeças que melhor se identificam, nomeadamente pelos cornos, de grandes dimensões e projectados para a frente, ligados a uma grande cabeça, toscamente esboçada.

Na Rocha 103 surge uma outra figura, de corpo muito bem delineado e vincado, contrastando com uma cabeça pouco visível, talvez a olhar de frente, de forma semelhante aos auroques incisos da Rocha 24 de Piscos.

Tipologicamente, podemos considerar três grupos distintos de motivos. Por um lado, a figura da Rocha 148, única no Côa. Por outro, a figura da Rocha 103, que é muito similar aos auroques da Rocha 24 de Piscos, caracterizando-se pelo excelente desenho naturalista do corpo e pela cabeça em visão frontal, embora este último detalhe careça ainda de confirmação. As restantes figuras, com algumas diferenças de pormenor, caracterizam-se em geral pelo corno em perfil absoluto com a ponta revirada para cima, com vários paralelos no Côa, como por exemplo no auroque da Rocha 6 de Vale de Cabrões (Baptista, 1999: 136-137). Destaca-se também a ausência na Foz do Côa de representações de cornos em lira, tão característicos nas grandes figuras em picotado e abrasão típicas da fase antiga da Arte do Côa.

Os equídeos são enganadoramente abundantes na Foz do Côa, uma vez que identificamos pelo menos 16 motivos, mas surgem em apenas quatro rochas, e com uma concentração inusual de pelo menos nove motivos num só painel, na Rocha 103. A este número junta-se ainda a figura encontrada fortuitamente numa pedra de um murete, o resto de um grande cavalo de traço simples. A pequena figura de cavalo da Rocha 20 está isolada no painel, sem outros motivos paleolíticos em redor, e situa-se na zona mais alta do núcleo, sendo a figura zoomórfica situada à mais elevada cota na Foz do Côa. É um motivo incompleto, apenas com cabeça e dorso. As restantes figuras aparecem em grupos nas outras três rochas, constituindo em todos os casos as figuras dominantes dos respectivos painéis.

Na Rocha 147 há três cavalos, destacando-se um com a cabeça e o dorso delineado em traços múltiplos, com uma longa crina, também a traço múltiplo. A cabeça é pequena, desproporcionada em relação ao corpo e sobretudo em relação à crina. Os outros dois são em traço simples, destacando-se um, de cabeça bem marcada, com duas orelhas espetadas e a boca aberta.

Na Rocha 170 aparecem outros três cavalos, sobrepostos entre si, todos em traço múltiplo, infelizmente reduzidos à parte posterior, pois um lascamento antigo do painel fez desaparecer grande parte do corpo e da parte traseira das figuras. Destaca-se um grande cavalo, de farta crina, cabeça em forma de “bico de pato” e uma sequência de pequenos traços oblíquos por cima da linha do chanfro, semelhante ao que aparece num dos auroques da Rocha 6 de Vale de Cabrões (Baptista, 1999: 136-137).

Por fim, a Rocha 103, com grande concentração e sobreposição de motivos, identificando-se pelos menos nove equídeos, três dos quais em traço simples, com dorsos e ventres de acentuada curvatura, muito semelhantes entre si e de uma mesma fase. O mesmo se poderá dizer das restantes figuras em traço múltiplo, seguramente feitas num outro momento de gravação do painel, que se realçam pela grande elegância e naturalismo.

Os cervídeos são os motivos paleolíticos mais representados na Foz do Côa, com um número muito superior relativamente aos restantes zoomorfos. Identificámos pelo menos sessenta figuras em vinte e nove rochas, e este número deverá aumentar com uma melhor análise das figuras indeterminadas. Na falta de análises etológicas mais detalhadas, cremos que todas serão representações de *cervus elaphus*, à semelhança dos restantes núcleos da Arte do Côa. Distinguem-se bem as figuras de veados machos a partir da armação, num total de 13 motivos, das fêmeas ou figuras de sexo indeterminado. Quanto ao tipo de traço, é notoriamente o tipo de motivo em que a distinção entre o traço simples e múltiplo é mais vincada: das sessenta figuras identificadas, uma é feita por raspagem; onze apenas são delineadas em traço simples ou, em alguns casos, com o contorno feito com vários traços; e as restantes quarenta e oito figuras, incluindo oito veados, são em traço múltiplo, pelo que podemos considerar que o cervídeo de traço múltiplo é a figura paleolítica por excelência da Foz do Côa. Este notório predomínio, a par com a presença absoluta da técnica de execução filiforme, é um dos mais claros indicadores da cronologia tardia da arte paleolítica da Foz do Côa, que deverá ser atribuível quase toda ao Magdalenense e Magdalenense tardio, portanto, ao segundo grande período da Arte do Côa (Baptista, 1999: 30; *idem*, 2001: 249).

Há na Foz do Côa alguns painéis e figuras que merecem desde já um destaque, como a Rocha 50, onde se encontra uma cena com vários cervídeos associados. Aqui está uma representação de uma manada de cervídeos, entendendo-se por manada não apenas a presença simultânea de várias figuras da mesma espécie mas a efectiva figuração de um grupo familiar, com diversas figuras de tipologia e dimensão similares, com um macho dominante, várias fêmeas e talvez um segundo macho, estando duas das fêmeas acompanhadas de crias, de idêntica tipologia mas de pequenas dimensões, colocadas numa

posição naturalista em relação às presumíveis progenitoras, uma no meio das patas, a outra ligeiramente à frente, sendo a fêmea sobrejacente a única das figuras desta rocha que tem a cabeça orientada para baixo, como que cheirando ou lambendo o flanco da cria. O presumível veado dominante está na frente do grupo, olhando para trás e para cima. Poderá haver outros painéis com mais representações de grupos de cervídeos em manada, como os das Rochas 162 e 52, mas só após o seu levantamento e estudo se poderão entender melhor.

Entre os veados merece destaque a bela figura da Rocha 148, com o traço de contorno mais carregado que o estriado interno, com uma armação em perspectiva distorcida semi-frontal, uma das hastes colocada na horizontal e a outra na vertical e com numerosos galhos. Outra figura singular é o veado da Rocha 69, uma das mais naturalistas da Foz do Côa, com um galho frontal em perfil absoluto e a armação em perspectiva distorcida, reduzida a uma única ramificação. Os veados das Rochas 16 e 157, tipologicamente bastante distintos, partilham entre si o facto de figurarem unicamente os galhos frontais, tratando-se provavelmente de indivíduos jovens, ainda sem armação desenvolvida. O primeiro tem a boca aberta e a cabeça levantada, na típica posição de brama. Por fim, os veados das Rochas 41, 73 e 103 todos em traço múltiplo, e com a cabeça e armação em perspectiva distorcida frontal, a cabeça em perfil e a armação em visão frontal. O da Rocha 73, tal como a cerva ao lado, é de muito difícil visualização, devido à patina acentuada dos seus traços finíssimos. Quanto ao veado da Rocha 41, é a maior figura de cervídeo da Foz do Côa, apenas inferior aos grandes auroques das Rochas 69 e 157, e tem a mais complexa de todas as armações dos veados deste núcleo rupestre.

Conclusões

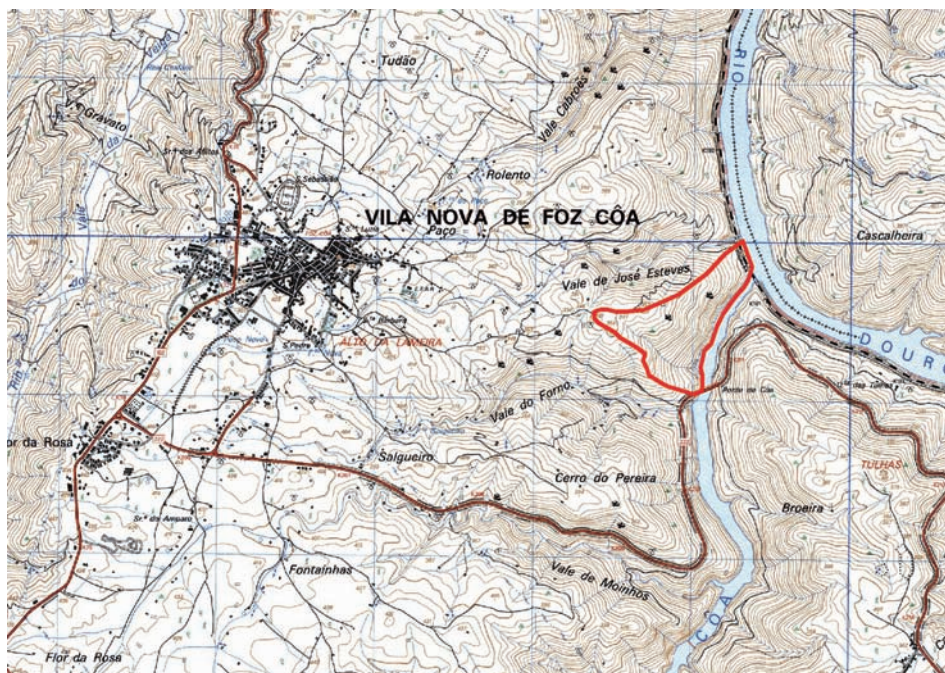
Pelas razões apontadas, a margem esquerda da Foz do Côa foi o primeiro sítio do Vale do Côa objecto de uma prospecção rupestre sistemática, com uma observação directa e exaustiva de todas as superfícies grauváquicas afloradas. Se se tiver em atenção o tipo de gravuras que aqui foram sendo detectadas e inventariadas, só assim poderíamos ter a certeza de que pouca coisa nos escaparia. Por vezes foi necessário regressar aos mesmos sítios, esperar pela melhor luz do dia e voltar a analisar as mesmas superfícies apaineladas. E ir cortando alguma vegetação, limpando musgos e alguns líquenes a fim de que as rochas nos fossem entregando os seus segredos rupestres. Isto permitiu-nos ampliar consideravelmente o número de rochas gravadas conhecidas nesta zona e compreender relativamente melhor a realidade rupestre da envolvente do futuro Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa, que entretanto começou (finalmente!) a ser construído (Janeiro de 2007).

Para que isto fosse conseguido, foi fundamental a contratação pelo CNART de um elemento (MR) cujo trabalho foi quase inteiramente dedicado a esta tarefa. As impressões que aqui deixamos neste texto são fruto deste minucioso trabalho de inventário, prévio ao levantamento em desenho e fotografia que será a próxima etapa a desenvolver na Foz do Côa. Etapa seguramente ainda mais difícil e morosa, mas urgente, indispensável e... aliciante! Para que as impressões que aqui deixamos possam ser melhor confirmadas e aprofundadas, já que na Foz do Côa confluem alguns dos melhores exemplos dos dois principais ciclos rupestres que caracterizam a arte rupestre do Vale do Côa: a arte da época glaciária e as incisões da IIª Idade do Ferro.

Quanto à arte paleolítica, hoje podemos afirmar com relativa segurança que se desdobra em pelo menos dois grandes e longos períodos, sendo o segundo o único aqui presente. Com efeito, temos reafirmado em vários textos que ao longo do Magdalenense, o chamado “santuário arcaico” (Gravetto-Solutrense) se vai deslocando para a região da foz do Côa e é caracterizado fundamentalmente pela presença quase exclusiva de gravuras incisivas, com

animais de menores dimensões e uma presença mais intensa de cervídeos, em particular da espécie *cervus elaphus*, embora continuem também a ser gravadas as mesmas espécies de clima temperado a frio típicas do Côa. Em apoio da análise estilística, tipológica e de distribuição espacial das rochas historiadas, a escavação do sítio da Rocha 1 do Fariseu veio fornecer elementos determinantes (com datações absolutas) para uma melhor compreensão arqueológica destas ideias, em particular os seus achados de arte móvel estratigrafada com vários animais incisos que correspondem também às etapas finais da arte paleolítica bem representada no núcleo da Foz do Côa. Ideias que desenvolveremos em futuros trabalhos! Quanto à arte da Idade do Ferro, já em 1982/3 ao estudarmos o sítio do Vale da Casa tínhamos atribuído (AMB) a maioria dos seus motivos à II Idade do Ferro, em particular pela presença de algumas armas (falcatas, lanças, espadas) que nos permitiam alguns paralelismos com elementos da cultura material melhor datados, até porque este tipo de gravuras era praticamente desconhecido em Portugal. Não suspeitávamos então que muito mais gravuras desta época havia ainda por descobrir nesta região duriense. O sítio da Foz do Côa fornece agora também um excelente lote de painéis com incisões deste período, algumas sobrepostas a motivos paleolíticos de que conhecemos já um significativo número de exemplos também na Vermelhosa, no Vale de José Esteves, em Vale de Cabrões...

Mas um dos aspectos mais interessantes da arte da II Idade do Ferro, para além da sua ligeireza estilística tão contrastante com o aparente naturalismo simbólico da arte paleolítica (ainda que também ele muito padronizado na sua estética), é porque através dela conhecemos hoje aspectos de uma sociedade guerreira que colonizou esta região nos alvares do cristianismo e deste povo não sabemos sequer o nome e praticamente nada conhecemos da sua cultura material (excepto no que é figurado na sua arte rupestre) pois não houve até hoje escavações em sítios de *habitat* da II Idade do Ferro. E também isso era urgente que fosse conseguido. Daríamos seguramente bastante mais espessura à análise que fazemos das superfícies historiadas deste período, ainda assim tão ricas de ensinamentos!



figuras

fig. 1 Implantação do núcleo de gravuras da Foz do Côa (CMP 141).

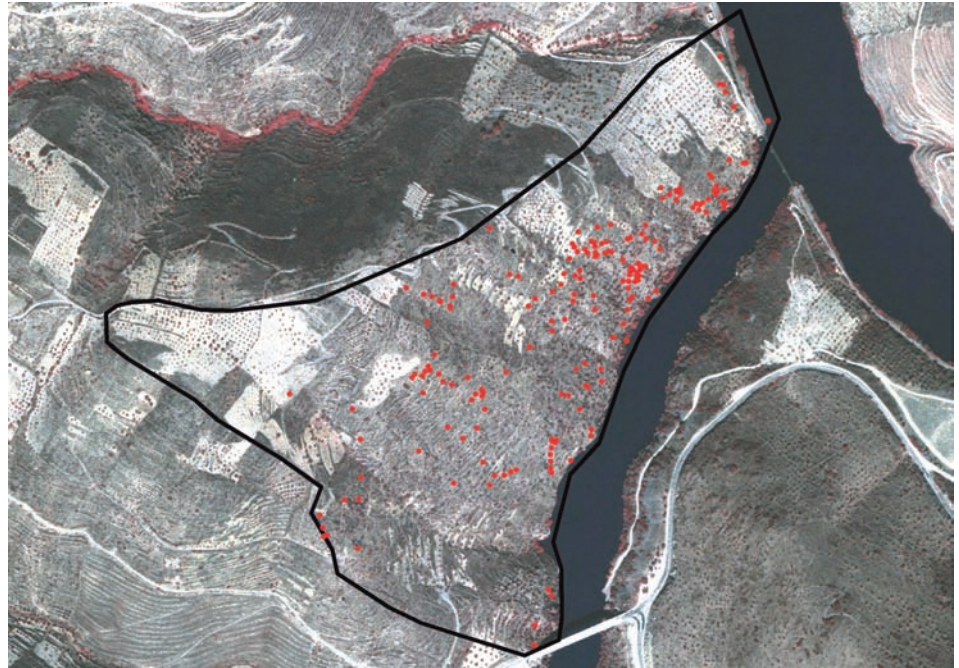


fig. 2 Distribuição em ortofotomapa das rochas historiadas da Foz do Côa.



fig. 3 Vista do núcleo da Foz do Côa, tirada da margem oposta do Douro.



fig. 4 Denso conjunto de afloramentos, que inclui vários painéis gravados, e que é um exemplo típico da distribuição das rochas e dos seus painéis verticais.



fig. 5 Rocha 148. Original figura de auroque paleolítico (Magdalenense final ?), com os cornos em perspectiva frontal. São evidentes os efeitos da intensa fracturação da superfície.

fig. 6 Rocha 148. Bela figura de veado paleolítico, com a armação bem desenvolvida, sobreposta por traços de outros motivos.



fig. 7 Rocha 149. Expressiva figura paleolítica de fêmea de cervídeo em traço múltiplo inciso. Este rico painel, para além de outros motivos paleolíticos, tem também figuras da Idade do Ferro.





fig. 8 Rocha 181. Figura geométrica da Idade do Ferro.

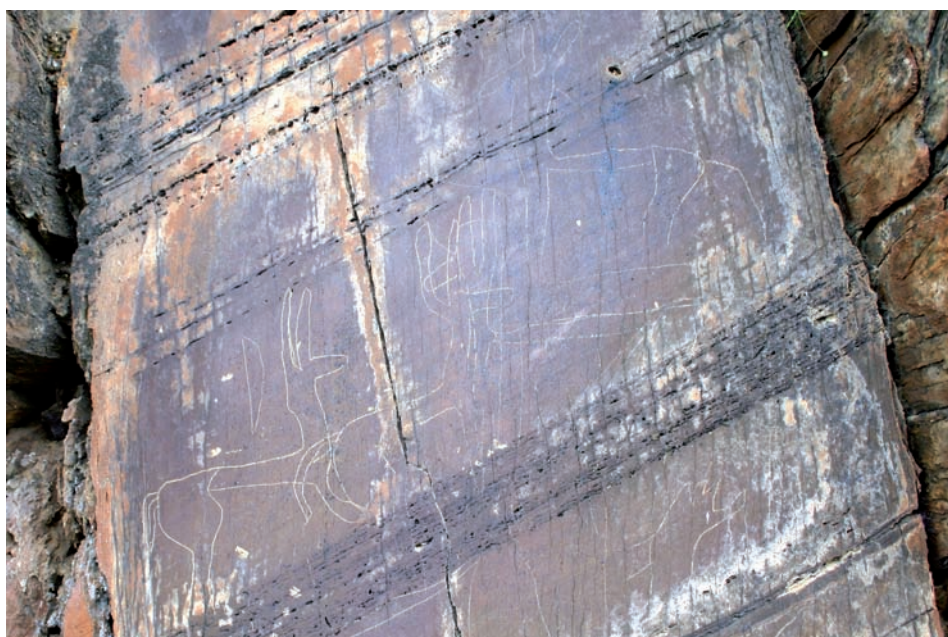


fig. 9 Rocha 195. Conjunto de cavalos da Idade do Ferro.

fig. 10 Rocha 139. Arte da IIª Idade do Ferro. Note-se o detalhe da representação do cavaleiro (ao alto) com duas lanças e segurando as rédeas do cavalo, este figurado com crina, sexo, e um motivo circular nos quartos traseiros.



fig. 11 Rocha 49. Data picotada de 1762, sobreposta a alguns filiformes paleolíticos, que destruiu parcialmente.

fig. 12 Rocha 137. Ingénua figura de Cristo crucificado, provavelmente do século XIX ou mesmo XX. Note-se a clara diferença de pátina com o traço mais antigo sobreposto.



bibliografia

BAPTISTA, A. M. (1983) – O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*, Porto: GEAP. 8, p. 57-69.

BAPTISTA, A. M. (1999a) – *No Tempo sem Tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa*. Vila Nova Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa/Centro Nacional de Arte Rupestre.

BAPTISTA, A. M. (2001) – The Quaternary Rock Art of the Côa Valley (Portugal). In ZILHÃO, J. ; AUBRY, T. ; CARVALHO, A. F., eds. - *Les premiers hommes modernes de la Péninsule ibérique – Actes du Colloque de la Comissão VIII de l'UISPP. Vila Nova de Foz Côa, 22 – 24 Octobre 1998*. Lisboa : Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia ; 17), p. 237-252.

BAPTISTA, M.; GOMES, M. V. (1997) – Arte Rupestre. In ZILHÃO, J. – *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*. Lisboa: Ministério da Cultura, p. 213-406.

BAPTISTA, A. M.; REIS, M. (no prelo) – *Prospecção de arte rupestre no Vale do Côa e Alto Douro português: ponto da situação*. In BALBÍN BEHRMANN, R.; BAPTISTA, A. M. eds. - *Actas do Curso de arte rupestre al aire libre*. Investigación, protección, conservación y difusión. Salamanca.

BOSINSKI, G.; D'ERRICO, F.; SCHILLER, P. (2001) - *Die gravierten frauendarstellungen von Gonnersdorf, Der Magdalénien-Fundplatz Gonnersdorf*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag GMBH. 8.

DUHARD, J. P. (1993) – *Réalisme de l'image féminine paléolithique*. Paris: CNRS Editions (Cahiers du Quaternaire, 19).

GARCÍA DIEZ, M.; LUÍS, L. (2002-2002-2003) – José Alcino Tomé e o último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: um caso de etnoarqueologia. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu: CEPBA, p. 199-223.

MAESTRO ZALDIVAR, E. M. (1989) – *Cerâmica ibérica decorada com figura humana*. Zaragoza: Departamento de Ciencias de la Antigüedad (Prehistoria) (Monografías Arqueológicas, 31).

NEGUERUELA MARTINEZ, I. (1990) – *Los Monumentos escultóricos ibéricos del Cerrillo Blanco de Porcuna (Jaén). Estudio sobre su estructura interna, agrupamientos e interpretación*. Madrid: Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, Dirección de los Museos Estatales.

QUESADA SANZ, F. (1997) – *El armamento ibérico. Estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la Cultura Ibérica (siglos VI-I a.C.)*. Montagnac: Éditions Monique Mergoill (Monographies Instrumentum, 3).

VILLAVARDE BONILLA, V. (1994) – *Arte paleolítico de la cova del Parpalló. Estudio de la colección de plaquetas y cantos grabados y pintados*. València: Diputació de València, Servei d'Investigació Prehistòrica.